

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GUSTAVO BARBOSA FRANÇA

**Guerra da Ucrânia e suas consequências para as
transferências de jogadores no território russo e ucraniano**

São Paulo
2024

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GUSTAVO BARBOSA FRANÇA

**Guerra da Ucrânia e suas consequências para as
transferências de jogadores no território russo e ucraniano**

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos
Hospodar Felipe Valverde

São Paulo
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Valverde, pelo grande auxílio e paciência ao longo de toda a elaboração do trabalho e por ter me auxiliado a entender como juntar duas paixões, o futebol e a geografia para a execução deste trabalho.

Aos professores, que incentivaram a todo momento meu pensamento crítico e alimentaram minha paixão pela Geografia.

Aos meus pais, Vania e Leoncio, pelo amor incondicional e sempre acreditar no meu potencial enquanto estudante e profissional, e me apoiarem em todos meus momentos de insegurança e isolamento.

E aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho.

RESUMO

A guerra entre Rússia e Ucrânia é o maior combate armado no século XXI até o momento. Neste caso, os impactos da Guerra da Ucrânia são sentidos em todas as práticas econômicas, de forma inédita no mundo globalizado, inclusive no futebol e sua movimentação de pessoas nas transferências de jogadores de futebol nos mercados russo e ucraniano. O objetivo de estudo desta pesquisa então é compreender como o conflito geopolítico afeta as dinâmicas de negociação, fluxos migratórios e territoriais, comparando os dados dos períodos antes e durante a guerra. A realização disto acontece através de revisão bibliográfica sobre os impactos da globalização e geopolítica no esporte e a análise de dados do website Transfermarkt para identificar padrões e tendências. Pode se esperar que os resultados apontem que o mercado russo sofreu com restrições econômicas e mudanças nas rotas de transferências, enquanto o mercado ucraniano evidenciou um aumento na saída de jogadores para ligas europeias, como estratégia de sobrevivência financeira.

Palavras-chave: Globalização. Futebol. Transferências. Guerra Rússia-Ucrânia. Migração.

ABSTRACT

The war between Russia and Ukraine is the largest armed conflict in the 21st century so far. In this context, the impacts of the Ukraine War are felt across all economic practices, in an unprecedented manner in a globalized world, including football and its movement of people in the transfer of players in the Russian and Ukrainian markets. The objective of this research is to understand how the geopolitical conflict affects the dynamics of negotiations, migratory flows, and territorial shifts, comparing data from the periods before and during the war. This will be accomplished through a literature review on the impacts of globalization and geopolitics on sports and an analysis of data from the Transfermarkt website to identify patterns and trends. It is expected that the results will indicate that the Russian market has suffered from economic restrictions and changes in transfer routes, while the Ukrainian market has shown an increase in the departure of players to European leagues as a financial survival strategy.

Keywords: Globalization. Football. Transfers. Russia-Ukraine War. Migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos clubes russos na temporada 24-25	25
Figura 2 - Mapa dos clubes ucranianos na temporada 24-25	26
Figura 3 - Votos registrados nas eleições ucranianas em 2004	41
Figura 4 - Áreas invadidas ou em conflito na Ucrânia em 2014	43
Figura 5 - Rotas militares utilizadas pela Rússia na invasão de 2022.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Média de Idade dos Jogadores Movimentados por Temporada	48
Tabela 2 - Quantidade de Jogadores Sul-americanos Movimentados	49
Tabela 3 - Quantidade de Estrangeiros Contratados por Temporada	51
Tabela 4 - Jogadores vendidos para as 5 principais ligas europeias (alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana)	54
Tabela 5 - Jogadores vendidos durante as temporadas analisadas	54
Tabela 6 - Total em Euro (€) das Transferências por Temporada.....	55

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Como a globalização mudou o futebol e as transferências	12
2. A estrutura do futebol ucraniano e russo e sua dispersão no território	20
3. O futebol como porta de entrada para migrações e desenvolvimento de uma boa imagem internacional	28
4. Abordagem sobre a guerra como agente migratório.....	35
5. Onde a guerra entre Rússia e Ucrânia está concentrada espacialmente.....	40
6. Comparação entre o padrão da movimentação dos jogadores antes e durante a guerra.....	47
7. Conclusão.....	57
Referências Bibliográficas	59

Introdução

A guerra entre Rússia e Ucrânia, que tem seu início comumente associado ao mês de fevereiro de 2022, ou para alguns, iniciada em 2014 a partir da invasão da península da Crimeia por parte da Rússia, é um dos conflitos mais impactantes dos últimos anos, podendo ser considerado o maior conflito do século atual, com repercussões profundas na geopolítica internacional.

O conflito que tem se caracterizado por confrontos armados intensos, deslocamentos massivos de civis e uma grave crise humanitária tem como impactos não apenas a devastação de regiões inteiras do território ucraniano, mas também impactos econômicos e políticos sentidos mesmo em países distantes do conflito, sendo sempre estes os impactos destacados na mídia aspectos como energia e comércio, que possuem maior impacto na movimentação de capital e influência.

Originada por tensões geopolíticas longevas, a invasão russa ao território ucraniano reflete disputas históricas que são iniciadas durante a dissolução da União Soviética e à subsequente busca da Ucrânia por maior independência política e econômica em relação ao poder russo, o que levou a política externa ucraniana buscar ajuda internacional no Ocidente, especialmente por meio de alianças como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (CEBRI, 2022), como alternativas a influência e pressão russa sobre seu território. Essa aproximação, para a política internacional russa, representava uma ameaça direta à sua influência geopolítica na região, pois com a integração da Ucrânia a esfera de influência do Ocidente, outros países que antes integraram a União Soviética poderiam buscar o mesmo caminho, sufocando diplomaticamente a Rússia e criando uma pressão política no país (APARECIDO e AGUILAR, 2022).

Observando então o contexto e os principais impactos do conflito veiculado, estreitamos a nossa capacidade de entender todos os aspectos econômicos e sociais afetados e focalizamos naquele que mais influenciam na capacidade de movimentação do capital. Contudo, como iremos abordar durante o texto, no âmbito esportivo, a guerra também desencadeou mudanças nas relações internacionais de clubes, jogadores e organizações, com impactos significativos em mercados de transferências e na mobilidade de atletas.

O futebol, além de ser uma prática esportiva mundialmente difundida, representa um fenômeno social, cultural e econômico que reflete as dinâmicas de integração características do mundo globalizado. Inserido nesse contexto, o mercado de transferências de jogadores de futebol tornou-se um mecanismo da movimentação e interações entre capital, globalização e territorialidade. Portanto, analisar como conflitos geopolíticos, como a Guerra da Ucrânia, que possuem capacidade de impactar em longo prazo (Cebri, 2022) essas dinâmicas são essenciais para compreender as relações entre esporte, política e economia.

A guerra entre Rússia e Ucrânia apresenta um impacto direto sobre os mercados esportivos desses países, alterando as rotas de transferência de jogadores, suas características e os valores financeiros envolvidos. O esporte transcende as fronteiras do lazer, sendo utilizado como ferramenta de diplomacia, de construção de imagem internacional e de mobilidade social. Assim, analisar como o futebol se reconfigura em tempos de crise pode contribuir para uma compreensão mais ampla dos impactos da guerra.

Além disso, compreender o fluxo de jogadores nesses mercados pode revelar tendências mais amplas de deslocamento humano e reorganização espacial em tempos de instabilidade. Ao associar os mercados de transferências ao contexto migratório gerado pela guerra, este trabalho busca realizar uma análise de como o esporte pode servir tanto como ferramenta de adaptação e sobrevivência quanto como espelho das desigualdades socioeconômicas exacerbadas por conflitos.

Devido a isso a escolha de estudar os mercados de transferências de jogadores na Rússia e Ucrânia, justifica-se pela novidade que isto representa ao futebol no século XXI. O esporte transcende as fronteiras do lazer, sendo utilizado como ferramenta de diplomacia, de construção de imagem internacional e de mobilidade social (SILVA, 2024). Assim, analisar como o futebol se reconfigura em tempos de crise contribui para uma compreensão mais ampla dos impactos da guerra.

O tema deste trabalho, então é a análise das consequências da Guerra da Ucrânia para as transferências de jogadores no mercado de futebol, com foco na Rússia e na Ucrânia, considerando como o conflito geopolítico impacta os fluxos de jogadores, suas origens e destinos, bem como os valores financeiros

envolvidos e se ambos mercados sofreram com o conflito da mesma maneira e intensidade.

O intuito da elaboração deste trabalho é analisar as consequências da Guerra da Ucrânia para o mercado de transferências de jogadores na Rússia e na Ucrânia, investigando as mudanças nas dinâmicas de negociação e os reflexos dessas alterações nos fluxos migratórios e territoriais, diferenciar esses impactos ao longo do tempo, comparando as dinâmicas do mercado antes e após o início do conflito, além de avaliar as diferenças espaciais, contrastando as mudanças observadas no mercado interno ucraniano com aquelas registradas em mercados externos diretamente ou indiretamente relacionados ao contexto da guerra.

Assim realizaremos uma revisão de autores que discutem a globalização, geopolítica e a sua crescente participação e influência nas dinâmicas do futebol. Em seguida, será feita a análise de dados sobre transferências de jogadores, coletados do website Transfermarkt, que realiza a identificação e armazenamento das informações sobre as transferências de jogadores de futebol profissionais, permitindo identificar padrões e tendências. Essa combinação de métodos possibilitará uma compreensão abrangente das interações entre os mercados de futebol e o contexto geopolítico do conflito.

Assim espera-se que após a análise dos dados sejam identificados que os mercados de transferências da Rússia e Ucrânia sofreram impactos significativos devido à guerra, tendo como possível conclusão a confirmação de que, enquanto a Rússia enfrentou restrições econômicas que remodelaram suas rotas de transferência, a Ucrânia viu um aumento na saída de jogadores para ligas europeias como estratégia de sobrevivência financeira.

1. Como a globalização mudou o futebol e as transferências

A prática esportiva que conhecemos como futebol atualmente, é popular desde sua origem na Inglaterra, tendo poucas alterações em suas regras desde que a primeira associação foi estabelecida, sempre se relacionou com a expansão do capital (FAVERO, 2009). Sua criação foi feita por trabalhadores ingleses como forma de lazer para contrapor o espaço que antes só era utilizado para a exploração de sua mão de obra e reprodução durante a Revolução Industrial, o que proporcionou um crescimento da prática que apenas o imperialismo na época poderia proporcionar e assim desde o primeiro momento da modernidade, o futebol atingiu caráter internacional ao acompanhar o fluxo do capital de um Império Britânico em expansão, que naquele momento buscava não apenas mercadorias novas e em maior quantidade como também buscava expandir sua influência nos círculos sociais e culturais, de modo a permitir mais fluidez do comércio da mercadoria e da mão de obra (GURGEL, 2008).

A criação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) no início do século XX representa um marco crucial na expansão do futebol ao redor do mundo. Este organismo foi fundado não apenas com o propósito de organizar e regular eventos esportivos internacionais, mas também de desempenhar um papel fundamental na equalização das regras do futebol e, subsequentemente, na sua comercialização em escala global. A FIFA, desde sua concepção, estabeleceu um padrão que permitiu a uniformização do esporte, tornando-o acessível e compreensível para diferentes culturas e nações. Essa padronização facilitou a difusão do futebol, transformando-o em uma linguagem universal que atravessa fronteiras e conecta pessoas de diversas origens. Além disso, a FIFA desempenhou um papel vital na promoção de competições como a Copa do Mundo, que não só celebra a habilidade atlética, mas também serve como um veículo para o intercâmbio cultural e a diplomacia internacional. Ao organizar e promover esses eventos de grande escala, a FIFA ajudou a consolidar o futebol como um fenômeno global, atingindo públicos em todos os continentes e promovendo uma identidade coletiva em torno do esporte.

A participação e a intenção do capital de expandir suas fronteiras estiveram presentes no futebol desde sua origem. Grandes investidores reconheceram o potencial do futebol como um veículo de marketing e um meio de alcançar audiências vastas e diversificadas. Esse processo de comercialização, que

inicialmente pode ter sido impulsionado por interesses locais ou regionais, rapidamente assumiu uma dimensão global, refletindo as tendências mais amplas da globalização (PIZARRO, 2021). Portanto, pode-se argumentar que a globalização, com sua capacidade de integrar mercados e culturas, encontrou no futebol um aliado perfeito, permitindo que o esporte evoluísse de um passatempo local para um espetáculo internacional de proporções gigantescas. Assim, a trajetória do futebol está intrinsecamente ligada ao movimento de globalização, com a FIFA desempenhando um papel central neste processo de expansão e comercialização contínua.

A partir desta afirmação, então, é preciso que entendamos o que é a globalização e como está se relaciona atualmente com o futebol, e para isso não teremos que formular uma conceitualização, mas sim entender qual melhor se encaixa quando tentamos entender a relação do capital com o esporte. Para tal levantamento podemos utilizar do estudo que Ribeiro (2002) faz sobre o tema focalizando nas ideias de Milton Santos, expoente no tema, apesar de não ser de quem usaremos para este trabalho.

Dentro dos debates entre pesquisadores propostos, Ribeiro (2002) vai nos apresentar a visão de David Harvey sobre a conceitualização de globalização, na qual o mesmo irá destacar a flexibilidade geográfica. A conceitualização de globalização por Harvey enfoca principalmente as dinâmicas do capitalismo global e suas implicações geográficas, onde aborda a globalização como um processo impulsionado pela busca incessante do capitalismo por novos mercados e formas de acumulação de capital (HARVEY, 1992). Ele argumenta que a globalização é marcada pela criação de novos mercados financeiros coordenados em escala global, permitindo a acumulação capitalista através da flexibilidade geográfica e temporal. Essa flexibilidade seria uma resposta às crises e às necessidades de reprodução do capital, permitindo que o capital se mova rapidamente entre diferentes locais e setores para maximização dos lucros. A globalização ainda enfraquece a autonomia dos estados-nação, que porém ainda desempenham um papel crucial na disciplina do trabalho e na intervenção nos mercados financeiros. Ele ainda destaca que os estados-nação se tornaram mais vulneráveis a crises fiscais e à disciplina imposta pelo capital financeiro internacional, ainda assim, mantêm um poder significativo para regular o trabalho e influenciar os fluxos financeiros. Para além do caráter financeiro, mas sem o

excluir do próximo tópico, a globalização também assume caráter social ao objetificar elementos culturais, proporcionando a apropriação da cultura pelo capital para sua comercialização mediante um sistema de produção cultural que produz a subjetividade (RIBEIRO, 2002).

Apesar dessa expansão do objeto sujeito a globalização, podemos observar, que na Geografia, a sua discussão muitas vezes se mantém fechada a poucos setores. Durante o ensino da Geografia e na produção de seu conhecimento científico, limitamos a globalização a setores econômicos como a indústria nas cidades e a agricultura no campo, onde os interesses do capital têm sido cada vez mais evidente e abordado na academia, pela produção, compra e movimentação de commodities. Contudo, a expansão da globalização através de seu caráter social acontece dentro dos esportes, e mais profundamente abordado aqui, no futebol, é de extrema importância para entendimento de como outras atividades, que podem e são afetadas pelo interesse do capital globalizado. O esporte como artigo de consumo tem sua prática em um espaço e, portanto, altera as dinâmicas territoriais para que sua prática não apenas seja possível, mas para que também, instigue o desejo de seu consumo, sendo apenas uma das formas que a globalização pode alterar o espaço. Portanto, Mascarenhas (1999), ao abordar o início de uma geografia do esporte, aponta como a utilização do esporte pode auxiliar o entendimento das dinâmicas sociais incorporando a “base territorial” da Geografia.

Essa conceitualização dialoga com o futebol quando avaliamos o avanço do capital sobre os elementos que compõe o futebol, desde a construção e venda do nome de estádios, privatização de clubes e formação de holdings com foco no lucro através da prática esportiva, e não em resultados esportivos como vitórias e títulos, e talvez o maior exemplo disto hoje está na transferência de jogadores, que atualmente é a maior mercadoria do setor futebolístico (FELIX et al., 2018). A transformação do esporte em objeto de consumo e do atleta em mercadoria corrobora a avaliação de que o interesse do capital tem se expandido dentro do futebol e as decisões tomadas por jogadores, clubes, federações e FIFA tem tido como objetivo a facilitação e expansão do lucro. A globalização tem um impacto profundo e multifacetado no futebol, afetando desde a economia do esporte até a cultura dos torcedores, enquanto promove a integração global

e a disseminação de talentos, também acentua desigualdades e transforma as dinâmicas locais do futebol (BONIFACE, 1998).

Os impactos do interesse e da participação do capital no futebol são vastos e complexos, afetando de maneira mais intensa aqueles que possuem menor poder nas decisões dentro do esporte. Em nosso caso, os jogadores de futebol são os mais impactados por essa dinâmica, que buscando por melhores oportunidades profissionais e financeiras, esses atletas muitas vezes seguem o fluxo do capital, cruzando as fronteiras de suas nações de origem para atuar em regiões onde a acumulação de capital tem sido mais concentrada. Esse movimento não é apenas uma questão de mudança geográfica, mas também envolve transformações sociais significativas nas vidas dos jogadores, que se veem compelidos a adaptar-se a novas culturas e ambientes. Essa necessidade de se adequar às exigências do mercado esportivo global pode levar à troca de características intrínsecas dos jogadores, como a nacionalidade. Essa adaptação pode ocorrer quando é mais vantajoso, do ponto de vista comercial, para os clubes e investidores que detêm o poder sobre suas carreiras, os quais Favero (2009) denomina de "Donos do Jogo".

Esses "Donos do Jogo" são figuras centrais na dinâmica do futebol globalizado, tomando decisões estratégicas que visam maximizar os lucros e o retorno sobre os investimentos. Para esses agentes, os jogadores se tornam mercadorias valiosas, cujo atributos são moldados conforme as necessidades do mercado. Essa mercantilização dos atletas implica em um processo de alienação da mão de obra, onde os jogadores podem ser pressionados a se naturalizar em outro país para aumentar seu valor de mercado ou atender a interesses específicos dos clubes que os contratam. A globalização do futebol, através destas ações impulsionada pelo capital, tem consequências profundas para os jogadores, que muitas vezes são forçados a deixar suas raízes e se submeter às exigências de um sistema econômico que vê suas habilidades e identidades como recursos a serem explorados. Essa realidade destaca a disparidade de poder entre os atletas e os dirigentes, evidenciando como o capital molda e redefine as trajetórias e identidades daqueles que fazem o espetáculo acontecer.

O fenômeno da globalização do esporte, conforme já apontaram Pizarro (2021) e Favero (2009), ganhou força durante a liderança do brasileiro João

Havelange na FIFA (1974-1998). Foi durante sua gestão que o futebol passou a transformação de uma prática social em um produto, cuja comercialização facilitou sua globalização. Havelange foi responsável pela expansão do futebol para mercados até então marginalizados pelo capital, promovendo uma explosão no número de membros participantes. Com os novos integrantes, além da ampliação do território sob a influência da FIFA, aumentava o poder político da organização e facilitava a introdução dos interesses do capital nesses mercados ainda inexplorados (FAVERO, 2009).

O futebol, sob direção de Havelange, tornou-se uma peça de expansão global que refletia as dinâmicas do capitalismo globalizado, transformando o principal órgão do esporte em um dos centros dos interesses do capital, que agiria como uma oportunidade comercial e política, já que os novos integrantes assumiam poder político na instituição e de forma a manter a expansão do esporte, estes novos integrantes se alinhavam as vontades de Havelange, que serve como personificação do capital no esporte (FAVERO, 2009). Com a inclusão de novos membros e o desejo de ampliar os interesses comerciais, surgiram novas demandas para expor o futebol enquanto produto.

Assim, competições internacionais foram criadas, e as já existentes foram ampliadas para incluir mais países, garantindo que um público maior tivesse acesso ao esporte e fosse incentivado a consumi-lo. Este processo culminou na popularização das transmissões televisivas, que revolucionaram a forma como o futebol era apreciado. O acesso antes restrito à ida ao estádio ou à narração pelo rádio foi substituído pela visão do esporte diretamente nas residências, permitindo que a imagem do futebol, agora um produto global, penetrasse no cotidiano de milhões e ampliasse as opções de consumo (GURGEL, 2008).

A crescente presença do futebol na mídia foi crucial para a sua consolidação como espetáculo global. Além de introduzir o esporte a novas massas, as transmissões reforçaram a conexão entre o futebol e os interesses comerciais. As transmissões televisivas, iniciadas de forma limitada, expandiram-se exponencialmente durante a era Havelange, criando um espetáculo que atraía tanto espectadores quanto patrocinadores. Essa exposição midiática possibilitou não apenas a popularização do esporte em mercados emergentes, mas também um enraizamento do capital no esporte, já que grandes marcas passaram a associar seus produtos ao futebol para alcançar um público cada vez mais amplo.

O futebol, tornou-se uma plataforma para veicular mensagens publicitárias e impulsionar o consumo. A venda de direitos de transmissão, por sua vez, consolidou-se como uma das principais fontes de receita para clubes e federações, contudo agora com a imagem do espetáculo, novos produtos relacionados ao futebol surgiram, como a venda de camisas de clubes e seleções vencedoras e a imagem de jogadores que alcançavam status de estrela. Desta forma, a mídia não apenas potencializou o alcance do capital através do futebol, mas também o posicionou como um dos produtos mais rentáveis e difundidos da globalização.

Com a comercialização do futebol como produto, os clubes então se tornaram as empresas que produzem a mercadoria de consumo crescente, e como tal passou a buscar de forma tempestiva o lucro. A transformação na gestão dos clubes aconteceu de forma acelerada, especialmente no velho continente, onde o fluxo do capital já estava sendo acumulado historicamente e a paixão pelo esporte estava consolidada, pela necessidade de atrair investidores, negociar contratos lucrativos de transmissão e firmar parcerias comerciais, visando aproveitar a expansão do esporte para expansão de suas marcas a fim de atingir patamares internacionais (FERREIRA; MOTTA, 2022). Nesse contexto, os clubes deixaram de ser apenas organizações esportivas para se tornarem corporações voltadas ao lucro, alinhadas às dinâmicas do capitalismo global (PIZARRO, 2021). Visando este lucro que os clubes-empresas passaram a buscar os maiores talentos internacionais para que vistam suas camisas e aumentem a qualidade do produto oferecido, o espetáculo do futebol, assim aumentando o valor recebido por transmissões de seus jogos e seus patrocínios estampados por todas suas estruturas e jogadores.

Essa movimentação de talentos até então limitada por proximidade de países e dificultada por legislações que limitavam a presença de estrangeiros nos times de futebol passa a mudar com o Caso Bosman. O caso julgado em 1995 pela Corte de Justiça da União Europeia, é amplamente reconhecido como um dos pivôs para o atual estado do mercado de transferências do futebol mundial. O jogador belga Jean-Marc Bosman, que buscava transferir-se sem pagamento de taxa para outro clube após o término de seu contrato, resultou em uma decisão histórica: a proibição de restrições de transferências entre clubes de países membros da União Europeia para jogadores cuja extensão de seus

contratos com seus clubes tivesse expirado, seguindo o Tratado de Roma, que estabelece a livre movimentação de trabalhadores na União Europeia. Junto desta resolução, a decisão eliminou os limites ao número de jogadores estrangeiros de países da UE que podiam atuar em uma equipe. Essas alterações, ainda que inicialmente limitadas à esfera europeia, geraram impactos profundos no futebol globalizado, influenciando não apenas o movimento de jogadores, mas também as dinâmicas econômicas e geopolíticas do esporte (PIZARRO, 2021).

A livre circulação de jogadores no espaço europeu, refletiu a necessidade da globalização de uma flexibilização geográfica para movimentação do capital e gerou um aumento exponencial no número de transferências internacionais, favorecendo clubes economicamente mais poderosos, que passaram a atrair talentos de forma quase ilimitada. Essa liberdade, embora amplamente celebrada como um avanço no direito dos jogadores, acentuou as desigualdades entre clubes e ligas nacionais. As equipes situadas em mercados financeiros robustos, como Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha, consolidaram sua posição dominante, enquanto clubes de ligas periféricas enfrentaram uma crescente saída de jogadores, prejudicando a competitividade de suas competições locais (BINDER; FINDLAY, 2012) e estabelecendo uma nova linha de dependência entre metrópole e colônia, onde a nova matéria prima era o jogador de futebol. Ao garantir maior autonomia aos atletas, o julgamento fortaleceu sua posição como agentes econômicos, transformando-os em protagonistas do mercado de transferências. Por outro lado, também incentivou a mercantilização dos jogadores, que passaram a ser tratados como ativos financeiros em um mercado altamente especulativo. Estes clubes de mercados dominantes então começaram a investir não apenas em atletas já consagrados, mas também em jovens talentos de países emergentes, que, atraídos pela perspectiva de maiores ganhos financeiros e visibilidade internacional, abandonaram cedo suas origens, enfraquecendo o desenvolvimento das ligas locais (PIZARRO, 2021).

Além das mudanças nas transferências, podemos observar que o Caso Bosman também impulsionou a valorização dos direitos de transmissão e patrocinadores, mesmo que de forma indireta, já que os clubes que concentravam os melhores jogadores também atraíam as maiores audiências

globais, como apontamos ser o interesse dos clubes que se portam cada vez mais como empresas, principalmente no futebol europeu. Essa dinâmica intensificou o processo de concentração de riqueza no futebol, agravando o abismo entre clubes de elite e os demais. Consequentemente, as principais competições internacionais, transformaram-se em vitrines do capitalismo global, refletindo as desigualdades estruturais do sistema econômico, fazendo com que o Caso Bosman simbolize a intersecção entre esporte, globalização e legislação, demonstrando como mudanças jurídicas podem catalisar transformações estruturais em mercados esportivos.

2. A estrutura do futebol ucraniano e russo e sua dispersão no território

O desenvolvimento do futebol na Rússia e Ucrânia está profundamente enraizado nas transformações sociais, políticas e econômicas que moldaram a região desde o final do século XIX, período em que se tem o primeiro registro do esporte na região. O território russo recebeu o futebol em 1893, ano considerado marco fundador do esporte no território do Império Russo, quando Georgi Duperron, frequentemente chamado de o "pai do futebol russo", organizou uma apresentação pública do esporte, realizando sua introdução ao país. Apesar desta introdução do esporte, que difere da chegada padrão da modalidade, a divulgação do futebol nesses territórios ocorreu a partir da influência de viajantes britânicos, que levaram o jogo a centros industriais emergentes na Rússia, durante a construção de ferrovias (NARCIZO, 2022). Inicialmente restrito às elites locais, o futebol logo encontrou um espaço entre os trabalhadores das fábricas e ferroviários russos, ampliando sua popularidade com a urbanização e o crescimento populacional (ALMEIDA et al., 2013).

Com a Revolução de 1917 e a formação da União Soviética, o futebol passou a ser visto como uma ferramenta ideológica, e a ser utilizado e vinculado às diretrizes do Estado. Durante o período soviético, o esporte foi entendido como uma forma de demonstração de força dos sistemas econômicos, instrumentalizado pelo regime então como uma ferramenta de propaganda e integração social, sendo possível perceber a influência do regime em cima dos clubes. As equipes de futebol passaram a ter vínculos com órgãos governamentais, como o Dínamo, presente nas principais cidades do território, incluindo Moscou, Kiev, Tbilisi e Minsk, que estava associado à polícia de segurança do regime, e o CSKA, ligado ao exército. Ambos se tornaram símbolos das forças de trabalho e das instituições estatais. Além dos clubes diretamente controlados pelo Estado, havia aqueles ligados aos sindicatos das indústrias emergentes no território soviético, com exemplos podendo ser observados na fundação do Lokomotiv, que representava os sindicatos da indústria ferroviária, além de Zenit e Torpedo que tinham como base a participação de trabalhadores de indústrias e funcionavam sem remuneração para os atletas, em contraste com os clubes estatais. Dessa forma, o futebol

soviético refletia a estrutura social e política do regime, integrando trabalhadores e reforçando os ideais do Estado por meio do esporte (RIORDAN, 2006).

O controle estatal do poder soviético garantia não apenas financiamento, mas também influência direta sobre os atletas e suas carreiras, refletindo o uso político para controle do esporte. Jogadores do clube Spartak Moscou, assim como seus fundadores, apesar da popularidade do clube e ser considerado o time do povo, por não ter relações diretas com sindicatos ou o Estado, enfrentaram perseguições por desafiar clubes mais favorecidos pelo regime, como aqueles ligados aos militares, fazendo com que muitos tenham sido presos e sujeitos a trabalho forçado (NARCIZO, 2022) (RIORDAN, 2006). O Estado centralizou os campeonatos e utilizou o esporte como ferramenta para reforçar a identidade socialista, especialmente em regiões periféricas, como as repúblicas bálticas e o Cáucaso que possuíam já diferenças culturais e históricas ao povo russo. Esse sistema unificado gerou tensões regionais, já que clubes fora de Moscou frequentemente se tornavam símbolos das identidades nacionais reprimidas dentro da União Soviética. Vitórias de equipes como o Dínamo de Kiev contra times moscovitas eram celebradas não apenas como conquistas esportivas, mas também como afirmações de resistência cultural e política, durante o período da União Soviética.

Essa influência estatal, contudo, muda a partir do colapso da União Soviética em 1991, quando Rússia e Ucrânia enfrentaram o desafio de reestruturar suas ligas e clubes de futebol. Na Rússia, surgiram então os oligarcas, que aproveitaram da privatização do aparato estatal, após a queda do poder soviético, e os adquiriram por preços baixos e assim transformaram o futebol em uma plataforma de demonstração de poder econômico e político, como demonstrado na camisa do Zenit São Petersburgo, apoiado pela Gazprom (RIORDAN, 2006). A transição entre as economias soviéticas e a economia de abertura do mercado levou à privatização dos clubes, comprados por estes oligarcas, o que gerou também a profissionalização do esporte nos países que migravam de economia, com o pagamento aos atletas por sua mão de obra dentro de campo o que trouxe mudanças significativas nas dinâmicas do futebol na região.

A criação da Premier League Russa em 2001 simbolizou a transição do futebol estatal e das massas para uma gestão baseada em capital privado e na

profissionalização do esporte no país o que provocou incentivos nas melhorias na infraestrutura e no marketing dos clubes. Entretanto, algumas características do esporte não mudaram com a mudança de regimes, sendo alguns dos desafios como corrupção e violência nos estádios, remanescentes do modelo antigo da prática do esporte, mas com alterações nos interesses de quem são atendidos.

Conforme apontado por Riordan (2006), historicamente, a estrutura soviética de clubes esportivos promoveu a criação de equipes em diversas regiões de seu território, vinculadas a setores industriais e militares o que proporcionava o conflito entre clubes de diferentes etnias durante o campeonato. Contudo, a dispersão territorial dos clubes na Rússia moderna é fortemente influenciada pelas dinâmicas econômicas regionais, pela concentração de investimentos e pelo papel dos patrocinadores oligarcas ou locais, o que levou a predominância dos clubes da principal cidade do país, Moscou, nos últimos campeonatos russos, devido à concentração de investimentos e recursos financeiros nos grandes polos de movimentação do capital no território russo, onde as empresas de oligarcas não só fortaleceram os clubes das grandes cidades, mas também centralizaram ainda mais os recursos, o que criou uma disparidade em relação aos clubes de regiões periféricas.

Essa localização desigual dos clubes no Campeonato Russo é um reflexo da centralização de recursos e poder que caracteriza a Rússia contemporânea. Apesar de esforços ocasionais para promover a regionalização do futebol, a predominância de Moscou e São Petersburgo no cenário esportivo nacional permanece uma característica marcante. Esses padrões não apenas moldam a competição, mas também destacam a interseção entre esporte, economia e política na Rússia moderna.

Abordando agora o futebol ucraniano, a localização dos clubes ucranianos após o colapso da União Soviética reflete um processo de transição marcado pela reorganização política, econômica e social do país. O sistema futebolístico ucraniano, que se desvinculou das estruturas soviéticas em 1991, precisou elaborar suas próprias entidades e estruturas em meio às divisões culturais e econômicas que caracterizam seu território. Essa reorganização trouxe à tona o protagonismo de grandes centros urbanos e industriais para a prática do futebol no país, como Kiev, Donetsk e Dnipro, juntamente da visualização da diferença cultural entre oeste e leste do país, sendo amplamente influenciada por

investimentos de milionários locais (NARCIZO, 2022), que assumiram o controle de muitos clubes, utilizando-os como ferramentas de poder e influência.

Alguns clubes com a nacionalização da liga ucraniana, tornaram-se propriedades dos principais empresários ucranianos, como forma não só de demonstração de força econômica, mas também cultural do capital ucraniano no esporte, sendo o exemplo mais conhecido pelo público geral, o caso do Shakhtar Donetsk. O Shakhtar Donetsk teve sua origem nos trabalhadores de minas de carvão na região de Donetsk durante a União Soviética e apesar de não possuir alcançar a mesma relevância futebolística que o Dinamo de Kiev, possuiu momentos de glória durante o século XX. Contudo, somente após o início da liderança de Rinat Akhmetov, um dos homens mais ricos da Ucrânia, que a equipe alcançou status acima do regional para ser entendida como uma potência nacional e no continente europeu. Akhmetov, que assumiu o clube após o assassinato do antigo dono do clube, e seu mentor, em 1996, investiu massivamente em infraestrutura, formação de jogadores e contratações de alto nível, demonstrando a grande quantidade de capital que também é movimentado através do futebol no mundo globalizado, desde que este se tornou uma forma de sua propagação e afastando da origem dos trabalhadores das minas para a inclusão crescente de estrangeiros.

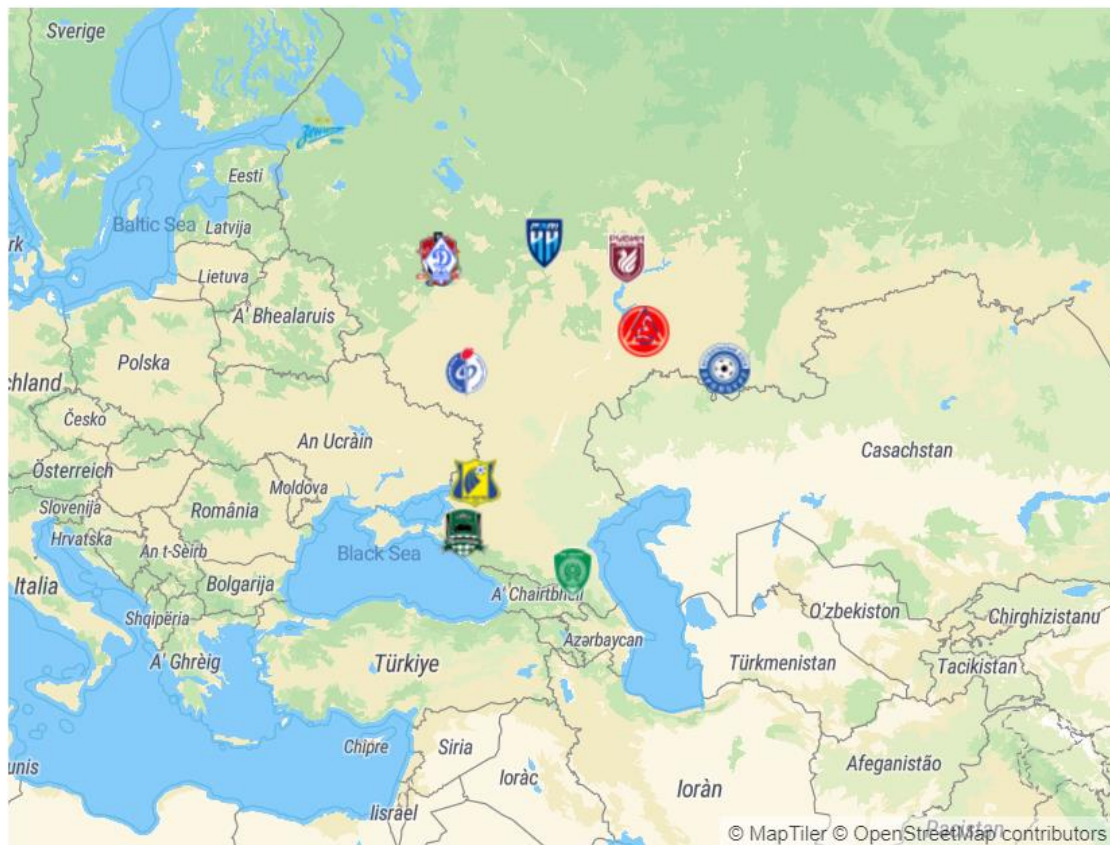
Os investimentos do capital não se limitaram a apenas um clube na liga ucraniana, nos permitindo perceber semelhanças na profissionalização de ambas as ligas. No caso russo, oligarcas participaram ativamente na manutenção do status de clubes emblemáticos da época soviética. Já no caso ucraniano, estes bilionários participaram na criação de novas potências do futebol local, mesmo que dependentes do capital para seu funcionamento. O Dnipro e o Metalist Kharkiv são exemplos emblemáticos de como o capital moldou o futebol ucraniano em sua profissionalização e nacionalização. O Dnipro, financiado por Ihor Kolomoyskyi, alcançou seu auge ao chegar à final da Liga Europa em 2015, consolidando-se como um dos principais clubes do país, porém com restrições e punições aplicadas pela UEFA por infringimento do fair play financeiro de suas competições, levaram a problemas financeiros decorrentes da retirada do apoio de Kolomoyskyi o que levou o clube ao rebaixamento e posterior dissolução do clube, evidenciando a sua dependência do capital para funcionamento e prática esportiva de forma profissional.

Da mesma forma, o Metalist Kharkiv emergiu como uma força no cenário nacional sob a administração de Oleksandr Yaroslavskyi, que investiu pesadamente em infraestrutura e contratações internacionais e vendeu o clube, assim como se vende empresas atrás do lucro por retirada de participação. Após a venda do clube para Serhiy Kurchenko, devido aos vínculos políticos pró-Rússia de seu novo dono durante o governo de Viktor Yanukovych, o clube foi dissolvido em 2016, após a estatização deste como forma de limitação dos bens de Kurchenko, que estava sendo acusado de sonegação fiscal e patrocínio de milícias pró-Rússia, durante um novo governo que buscou se posicionar pró-Occidente.

Ambos os casos demonstraram como a ascensão e queda de clubes ucranianos estão intrinsicamente ligadas à influência e decisões de seus patrocinadores milionários (NARCIZO, 2022). A relevância desses clubes no futebol ucraniano esteve diretamente conectada ao volume de investimentos recebidos de bilionários. Kolomoyskyi, Yaroslavskyi e Kurchenko que não apenas injetaram grandes somas de dinheiro em suas respectivas equipes, mas também influenciaram diretamente o curso dos campeonatos nacionais e a competitividade no cenário europeu, com o fomento de clubes apenas pelo interesse próprio e do capital. Contudo, essa subordinação dos clubes ao capital demonstrou-se ser frágil no momento em que estes deixam de ser relevantes nos contextos econômicos e políticos para seus donos. A história do Dnipro e do Metalist Kharkiv reflete como o futebol ucraniano, em muitos casos, se tornou uma extensão das ambições pessoais e políticas de seus investidores, ilustrando as tensões entre esporte, economia e poder no país.

Observando então os fatores que levaram a profissionalização do esporte nos países beligerantes podemos observar que apesar de atores diferentes, a participação do capital na sustentação e criação dos clubes fora fundamental após os anos soviéticos. No caso russo, essa influência do capital aconteceu de forma mais forte em sua capital, fazendo assim que o campeonato nacional fosse representado fortemente por clubes moscovitas, demonstrando como essa centralização aconteceu em forma de um reflexo do poder econômico, político e populacional concentrado em Moscou após a dissolução da URSS que temeu a perda de ainda mais territórios por movimentos nacionalistas.

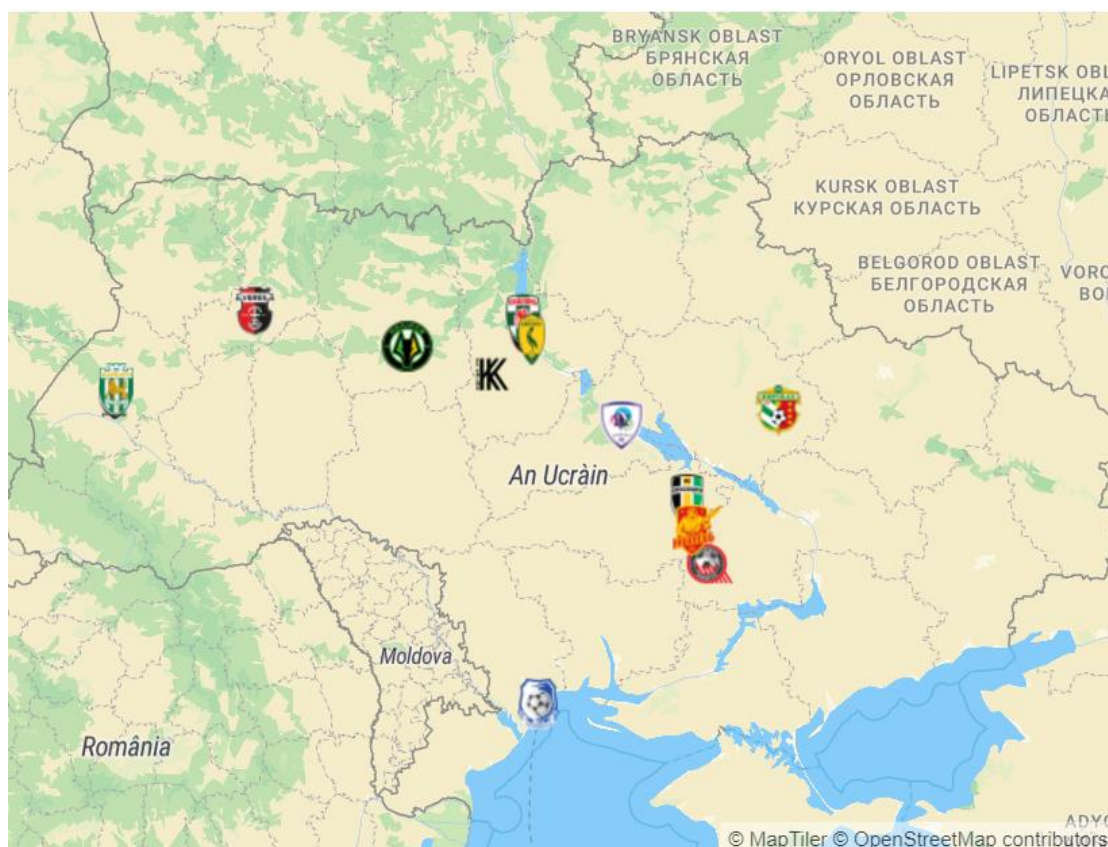
Figura 1 - Mapa dos clubes russos na temporada 24-25



Fonte: Transfermarkt

Na Ucrânia, o impacto do capital foi mais espalhado geograficamente, acompanhando a distribuição regional de poder econômico e político. Enquanto o Dynamo Kiev, na capital, manteve seu domínio histórico, clubes de outras regiões, como o Shakhtar Donetsk no leste e o Metalist Kharkiv no nordeste, também emergiram como potências graças aos investimentos de bilionários locais, demonstrando uma maior infiltração do capital por todo o território ucraniano. Cabe ressaltar que, apesar deste espalhamento dos clubes em território ucraniano, devido a conflitos internos, como a guerra em Donbass que busca sua independência ou anexação por parte russa, que tem seu início antes da invasão russa em 2022 e é apenas um dos fatores que levaram a este conflito, os clubes como Shaktar Donetsk e Zorya Lugansk tem migrado sua prática de futebol para o lado “ocidental” do país, tendo suas bases esportivas longe de suas origens na última década.

Figura 2 - Mapa dos clubes ucranianos na temporada 24-25



Fonte: Transfermarkt

Terminando nossa avaliação podemos entender que ambos os países servem como demonstração empírica de como o capital foi fundamental para a evolução do esporte, mas também como a maneira de sua aplicação moldou o equilíbrio competitivo e as dinâmicas regionais do futebol em cada nação e internacionalmente. O contraste entre a centralização russa e a dispersão ucraniana reflete diferenças nos modelos de governança, economia e cultura adotadas em cada país após a dissolução da URSS. Enquanto a Rússia usou o futebol como uma extensão do poder estatal, priorizando a concentração de recursos em áreas estratégicas, a Ucrânia viu no esporte uma plataforma de expressão regional e competitividade local, ainda que sujeita às fragilidades dos interesses do capitalista.

No final, a evolução do futebol em ambos os países transcende o aspecto esportivo, servindo como um reflexo das dinâmicas sociais e políticas que moldaram a história recente de cada nação. O capital, enquanto catalisador de mudanças, evidenciou as desigualdades estruturais e ao mesmo tempo ampliou o alcance do esporte como fator de coesão e expressão cultural. Assim, o futebol

na Rússia e na Ucrânia continua a ser mais do que um jogo: é um espelho de suas identidades nacionais, de seus desafios e de suas aspirações enquanto sociedades em transformação.

3. O futebol como porta de entrada para migrações e desenvolvimento de uma boa imagem internacional

A migração participou da evolução da humanidade desde seus primórdios, com a movimentação de comunidades inteiras durante o período em que vivemos como caçadores-coletores sendo fundamental para a perpetuidade de nossa espécie. A movimentação de pessoas entre territórios então configurou uma constante na história, sendo documentada diversas migrações que remontam a eventos históricos chegando a possuírem tanta importância no passado quanto tem hoje, como pode ser visto no êxodo judeu do Antigo Egito para a “terra prometida” que possui grande importância religiosa. Observado, então, que a migração é um fenômeno comum, é interessante entendermos que a movimentação de pessoas é intrínseca a construção da espécie e para suas sociedades, e, de forma isolada, não apresenta um caráter negativo.

Observando, então, este fenômeno, podemos definir a migração como o deslocamento de indivíduos ou grupos de pessoas de um local para outro, seja interna, sem trespassar fronteiras ou internacional, quando acontece o trespassar de fronteiras territoriais. Esse movimento de pessoas pode ocorrer por diversos motivos, principalmente econômicos e políticos como a busca por melhores condições de vida, oportunidades de trabalho ou mesmo devido a fatores forçados, como conflitos, perseguições ou desastres naturais.

O debate sobre a migração, atualmente, tem refletido a crescente e consolidada interconexão de economias e sociedades, sendo fortemente influenciada pela processos de globalização, que intensificaram tanto os fluxos migratórios voluntários quanto os forçados (PATARRA, 2006). Dada a relevância da migração internacional no contexto contemporâneo, bem como sua importância para o presente estudo, cabe ressaltar que, a partir deste ponto, o termo "migração" será empregado exclusivamente para se referir à migração internacional.

A globalização intensificou a mobilidade do capital e da produção, conectando economias e culturas exacerbando desigualdades sociais e econômicas, necessárias para a perpetuação do sistema capitalista, enquanto não facilitou da mesma maneira o fluxo internacional de pessoas. Este fenômeno,

caracterizado pela flexibilidade geográfica do capital, molda a vida de trabalhadores migrantes, obrigando estes a se adequar às demandas do mercado global, pois aqueles com maior especificação na produção do capital tem seu fluxo facilitado (BRZOZOWSKI, 2012). Os migrantes, então, não podem ser representados por apenas um grupo, mas, por diversos, que não estão no comando do fluxo do capital e, portanto, devem tentar segui-lo para atingir melhores condições de vida. A globalização, ampliou essa diversidade quando estabeleceu redes transnacionais que conectam o capital sem a limitação do espaço físico, sem o respeito de indivíduos e comunidades (PATARRA, 2006), gerando fluxos que enquanto alguns migrantes buscam melhores condições de vida, outros fogem de guerras e perseguições, como evidenciado no caso dos refugiados. Em nosso estudo, os migrantes são frequentemente jogadores que buscam ascensão social e oportunidades em mercados mais desenvolvidos, onde o fluxo migratório é reflexo direto da lógica capitalista, onde buscam talento global para maximizar lucros e aumentar competitividade, quanto melhor suas atuações em campo.

Como vimos, o futebol, além de ser uma prática esportiva global, capaz de mobilizar massas para estádios ou para suas salas, pode ser analisado por outras faces que ele desempenha no mundo globalizado, permitindo não apenas que entendamos o futebol em sua totalidade, mas também para que nosso entendimento sobre as dinâmicas da globalização seja completo. Alguns dos papéis que podemos entender ser desempenhados pelo esporte é de ser pivô de migrações internacionais de indivíduos, os atletas, e na construção de reputações no cenário mundial, fenômeno visto principalmente em tempos recentes. Já é estabelecido, através da visualização das mudanças acontecidas no esporte durante sua história, que o futebol transcende o campo de jogo atuando como vetor de movimentação de capital e de mercadoria, enquanto simultaneamente promove narrativas nacionais de sucesso e influência.

As primeiras transferências organizadas no futebol remontam às décadas iniciais do século XX, quando o esporte começou a ser praticado em diversos países, ocorrendo entre clubes locais, com pagamentos simbólicos ou compensações entre equipes. As migrações internacionais realizadas através do futebol remontam às primeiras décadas do século XX, quando a expansão do esporte já havia alcançado vários países pelo mundo, em diferentes continentes

pela influência britânica, o que gerou a circulação de jogadores entre continentes, muitos voltando a terra natal de seus parentes. A criação da FIFA em 1904 e a posterior regulamentação de transferências em seus estatutos foram passos essenciais para estruturação das migrações no esporte. Um dos primeiros movimentos de fluxo de migração registrados foi de jogadores durante as décadas de 1920 e 1930, onde o interesse europeu pelo futebol sul-americano foi impulsionado pelo sucesso da seleção do Uruguai em competições internacionais, com o título da primeira copa do mundo em 1930 e o bicampeonato olímpico, marcando o início das transferências internacionais de jogadores. Podemos observar que muitos atletas brasileiros na época, por exemplo, migraram para Itália e Espanha, atraídos por contratos que garantiram melhores condições financeiras e a oportunidade de profissionalizar suas carreiras, já que esses fluxos eram facilitados pela descendência europeia de parte significativa dos jogadores brasileiros da época, permitindo que fossem tratados como cidadãos nos países receptores devido às políticas de “jus sanguinis” (GIGLIO; TONINI, 2019).

Esse movimento de migração através do futebol foi interrompido por motivos externos ao esporte, com o acontecimento da Segunda Guerra Mundial e retomado com mais força após o conflito, quando houve o crescimento das ligas europeias e a profissionalização do futebol no velho continente intensificando as transferências internacionais (van Campenhout; van Sterkenburg; Oonk, 2019). Clubes como Real Madrid e AC Milan começaram a atrair talentos globais, consolidando a Europa como destino preferido de jogadores, que agora buscam uma forma de transformar o futebol em uma carreira profissional. As transferências, portanto, até o momento, espelhavam a movimentação das mercadorias no período colonial e imperialista mostrando que as histórias coloniais também moldaram os padrões migratórios no futebol (OONK, 2021). Ex-colônias, na América do Sul e posteriormente África tornaram-se celeiros de talentos para suas metrópoles, criando um fluxo de atletas destes continentes em direção ao futebol europeu buscando melhorias de vida, de forma que o conflito de culturas fosse menor, pulando a barreira da língua.

Portanto, podemos afirmar que a busca por melhores salários é uma das principais razões para a migração de jogadores desde o início dessa prática. As disparidades econômicas entre ligas, especialmente entre países do Sul Global

e as principais ligas europeias, tornaram essas transferências uma escolha atraente, já que em países como o Brasil, que demoraram a se profissionalizar, muitos atletas não recebiam por suas partidas, e a muitos atualmente, que não conseguem fazer do esporte sua renda familiar. No intuito então de ascender socialmente e sustentar suas famílias a mercadoria atleta sai de seu país natal (GIGLIO; TONINI, 2019).

Uma outra razão para a movimentação destes jogadores é a utilização de ligas menores como facilitador para o alcance das principais ligas europeias, que são o grande objetivo do atleta. Apesar de termos destacados até o momento a movimentação para as grandes ligas, isso não é possível para todos, pelo menos não diretamente de seus países de origem e, então utilizam de ligas menos prestigiadas na Europa como trampolim para alcançar as principais ligas do continente. Para muitos jogadores, a escolha de começar em ligas menores se torna a melhor estratégia onde jogam em ligas de países emergentes no futebol, como Portugal, Países Baixos, Rússia e Ucrânia, frequentemente atuando e buscando se destacar nestes campeonatos com menor pressão competitiva em comparação com as principais ligas da Europa, permitindo assim que a chance de chegar a sua liga de desejo aumentem (GIGLIO; TONINI, 2019). Este fluxo foi estimulado ainda mais pela transformação nas transferências ocorrida com a decisão no caso Bosman, que garantiu a livre circulação de jogadores no espaço da União Europeia e eliminou as restrições de nacionalidade em competições europeias, o que levou a uma intensificação do fluxo de jogadores estrangeiros a chegar nas ligas no continente, principalmente nas ligas menores, Portugal, Rússia e Ucrânia que utilizaram dos migrantes como forma de conseguirem atletas de talento comparáveis a aqueles das principais ligas para defenderem suas camisas e então o lucro com suas vendas (PIZARRO, 2021).

Contudo, além de promover a movimentação de jogadores em busca de melhores condições de vida e oportunidades de carreira, através da movimentação do capital, o futebol também desempenha um papel estratégico no espalhamento de influência internacional e na transformação da imagem de um Estado no cenário global. Essa função acontece de maneira direta, por meio da exportação de talentos que se tornam representantes culturais tanto de seus países de origem, quanto dos países em que jogam, e também indiretamente, ao consolidar e apresentar internacionalmente narrativas nacionais associadas

ao esporte, como criatividade, resiliência e excelência. A mobilidade dos jogadores não apenas reflete as dinâmicas de globalização e desigualdade estrutural no esporte, mas também serve como uma ferramenta para o fortalecimento diplomático e de interesses internacionais, promovendo valores culturais e construindo pontes entre nações.

O futebol tem sido consistentemente utilizado como um meio de melhora de imagem internacional, com uma abordagem que visa criar imagens positivas do país perante o grande público e aproximação por meio de paixões semelhantes. Megaeventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas e a contratação de jogadores com grande participação na mídia, têm sido parte chave nas estratégias de países que buscam reformular sua imagem na política externa e utilizam destes eventos esportivos como forma de repassar uma mensagem ao público interno de força e para o público externo de sua estabilidade, hospitalidade e adesão ao progresso e desenvolvimento (CASTRO, 2018).

Essa utilização do esporte como ferramenta de persuasão pode ser descrita através do conceito de *soft power*, cunhado por Joseph Nye (1990) que irá se referir a capacidade de persuasão de um país sobre o outro através da difusão de valores culturais e narrativas agradáveis.

Entre os muitos instrumentos de *soft power*, o esporte ocupou um lugar que poucas outras práticas culturais podem alcançar devida sua popularidade globalizada, funcionando como uma prática comum que conecta culturas, transcende fronteiras políticas e promove diálogos. O esporte tem sido historicamente usado como ferramenta de diplomacia cultural para melhorar a imagem de um país no cenário global e na prática permitiu que nações projetem uma imagem de modernidade, diversidade cultural e competência organizacional através da organização dos megaeventos. Estes eventos esportivos globais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas têm um grande impacto por conta de sua capacidade de atração da atenção internacional, que permite aos anfitriões um momento de destaque nas mídias internacionais que divulgam a todos, suas conquistas e avanços econômicos e sociais, ou pelo menos a imagem destes. Por esta razão, o esporte é cada vez mais usado como mecanismo de poder geopolítico, permitindo que nações desafiem narrativas hegemônicas e construam identidades nacionais renovadas (SILVA, 2024).

Um dos acontecimentos mais recentes que podemos observar da estratégia de utilização do *soft power*, aconteceu na Rússia sendo a sede da Copa do Mundo de 2018, que exemplificou como o esporte pode ser instrumentalizado para mitigar imagens negativas no cenário global, após o país ter invadido a península da Criméia, território ucraniano em 2014. Em meio a tensões geopolíticas e sanções decorrentes do conflito na Ucrânia, a Rússia usou a organização do torneio para projetar uma narrativa de estabilidade e modernidade e tirar a atenção do acontecido para substituí-la por uma imagem de comunhão entre as nações e festividade, inerente a competição. Essa abordagem também reflete uma característica peculiar do *soft power* que é sua eficácia estar diretamente ligada à coerência entre as intenções das políticas internas e externas do país (CASTRO, 2018).

Além dos megaeventos, os jogadores de futebol desempenharam um papel vital como embaixadores culturais e vetores de *soft power*. Atletas como Pelé, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo são reconhecidos para além das fronteiras esportivas, tornando-se celebridades para além daqueles que apreciam o esporte e utilizaram desta força midiática para a influência da percepção de seus países de origem e de onde estão atuando. Como observado por Pizarro (2021), a exportação de talentos brasileiros para ligas estrangeiras não apenas elevou a visibilidade do futebol brasileiro, mas também reforçou a narrativa de criatividade e excelência associada ao Brasil. Essa narrativa, entretanto, não ocorre de maneira unilateral, já que com a exportação de atletas para estes outros países, criou-se uma imagem para o fã brasileiro de que estes países são amigáveis para o recebimento de seus semelhantes, e a si.

O futebol não pode ser analisado apenas como um esporte, pois sua posição como fenômeno global permite conectar temas como mobilidade humana e poder cultural, sem esgotar as possibilidades de discussão e é neste ponto que o futebol transcende seu papel como esporte e se torna um poderoso vetor de *soft power*, permitindo que nações utilizem o sucesso esportivo e a mobilidade internacional de atletas para moldar narrativas globais e influenciar a percepção internacional. Essa conexão entre migração e diplomacia cultural é particularmente evidente durante os contextos de megaeventos, como Copas do Mundo, nos quais o futebol não apenas celebra a competição esportiva, mas

também se torna uma arena para a negociação de identidades nacionais e de poder simbólico (PIZARRO, 2021).

4. Abordagem sobre a guerra como agente migratório

Assim como discutido no capítulo anterior sobre migração, a guerra é uma prática que remonta à antiguidade e acompanha a humanidade ao longo de sua história. A guerra consolidou-se como uma prática, utilizada por todos os povos independente de suas posições no globo e em muitas culturas passadas podemos observar que eram buscadas, como forma não apenas de conquista, mas também como parte do prestígio e formação de um homem. Ao longo do tempo, conflitos entre povos moldaram fronteiras, influenciaram culturas e contribuíram para a formação dos Estados modernos. Esses elementos, hoje vistos como estabilizados, estiveram em constante transformação ao longo da história e continuam a mudar, muitas vezes através da guerra.

A guerra então tem sido historicamente um dos mais poderosos agentes de deslocamento populacional, forçando milhões de indivíduos a abandonarem seus lares em busca de segurança, estabilidade e melhores condições de vida, fugindo da violência em suas terras. Desde os grandes conflitos da antiguidade até os mais recentes, uma das consequências dos combates são os fluxos migratórios intensos que geraram em sua maioria forçados, que afetam profundamente todos os países envolvidos nesse trajeto demonstrando que esses movimentos não apenas refletem as consequências diretas dos conflitos, mas também as dinâmicas políticas e socioeconômicas mais amplas em que estão inseridos (CASTELS, 2010)

As guerras estabelecem condições que ocasionam o deslocamento forçado das pessoas que observaram a destruição de suas residências e comércios, o colapso econômico de sua região e as perseguições políticas e violações de direitos humanos por parte dos beligerantes. Esses movimentos migratórios incluem refugiados, deslocados internos e, ocasionalmente, migrantes econômicos, que fogem não apenas da violência, mas também das consequências econômicas e sociais do conflito (SILVA, 2017). No contexto contemporâneo, os impactos da guerra nas migrações foram amplificados pela globalização, onde podemos encontrar na Segunda Guerra Mundial um ponto de partida dessa presença da globalização, mesmo que em seu início, onde se inicia a mudanças significativas no sistema econômico, principalmente nos países capitalistas e suas interconexões das economias e novas intenções geopolíticas que alteraram o mapa mundial durante a Guerra Fria, onde esse crescente

entrelaçamento econômico, político e cultural entre as nações não apenas moldou os novos Casus Belli, causas para os conflitos armados, mas também amplificou seus impactos globais, incluindo nas migrações forçadas (PATARRA, 2006).

Após a expansão do capital através da globalização, as guerras deixaram de ser eventos exclusivamente locais ou regionais, tornando-se cada vez mais eventos que possuem interfaces com todo o mundo. Os conflitos frequentemente catalisados ou prolongados por fatores econômicos e políticos, neste momento ultrapassaram as fronteiras nacionais, dos Estados ativamente em guerra e agora foram expandidas para todos aqueles que possuem algum interesse do capital naquele território ou povo, onde incluímos as disputas pelo controle de recursos naturais, rivalidades geopolíticas entre grandes potências e intervenções militares internacionais, que podem alterar o fluxo do capital em um sistema global altamente dependente dos outros (PATARRA, 2006).

Observamos, então, que a globalização influenciou a forma das guerras e da mesma maneira, influenciou as migrações dos que fogem delas de várias formas. Como já abordamos, as redes globais de transporte e comunicação facilitam o deslocamento de capital e mercadorias, de forma muito mais acentuada que o deslocamento das pessoas, mesmo nos contextos de guerra e quando somamos esta constatação com as desigualdades econômicas e as crises políticas frequentemente derivadas da ordem global, percebemos que o contexto globalizado incentiva as migrações de forma diferente para cada indivíduo.

No contexto da guerra globalizada, criam-se fluxos migratórios mais amplos e diversificados, tornando as crises locais questões de preocupação internacional, onde é pensado como alocar os migrantes, ou refugiados de forma não disruptiva a cultura do país de destino e que não atrapalhe a acumulação do capital neste, gerando uma diferença na forma que temos recebido e tratado, os mais afetados pela guerra. O conceito de um migrante desejável economicamente é central em muitos regimes migratórios contemporâneos, especialmente em países desenvolvidos, que veem esses migrantes como contribuintes para suas economias e mercados de trabalho, sendo aqueles que recebem maior integração nos países receptores por possuírem características que facilitam a integração deles na produção do capital no novo território, como

suas nacionalidades, europeus ou de países com relacionamento próximo ao capital como Israel, a classe socioeconômica no seu país de origem e habilidades profissionais, como formação acadêmica ou qualificações técnicas, que então migram mais facilmente devido a políticas que favorecem a entrada destes trabalhadores qualificados (PATARRA, 2006).

Por outro lado, grupos marginalizados na lógica do capital, como migrantes de baixa renda, refugiados de países não estratégicos para sua acumulação enfrentam os maiores obstáculos quando fogem de guerras em suas nações. Migrantes do Sul Global, especialmente da África Subsaariana e do Oriente Médio, frequentemente encontram fronteiras altamente securitizadas e políticas que limitam sua mobilidade, onde se torna evidente a lógica do capital no mundo globalizado para a locomoção de pessoas por suas redes (PAIVA, 2008). Podemos ainda adicionar problemas sociais, como as discriminações baseadas em raça, etnia e religião que difere entre aqueles que receberam os refugiados e os refugiados em si criando barreiras significativas, exacerbadas por coberturas midiáticas que refletem e criam uma percepção pública que frequentemente reforçam estereótipos negativos e influenciam diretamente as políticas de migração e os níveis de acolhimento em diferentes países, demonstrando mais uma vez o papel importante da mídia nos fluxos.

Sendo assim, podemos usar o conceito de fluxos mistos (Jarochinski Silva, 2011) que constituem uma característica central das migrações contemporâneas, sobretudo em contextos de guerra e crises humanitárias. O conceito descreve o deslocamento simultâneo de diferentes categorias de migrantes que podem ter diferentes origens, como refugiados, requerentes de asilo, deslocados internos e migrantes econômicos emergindo contextos em que as fronteiras entre diferentes movimentos de migrações se tornaram indistintas, desafiando as abordagens tradicionais para a gestão migratória.

Os fluxos mistos incluem migrantes que aproveitam as rotas de deslocamento abertas por crises humanitárias para cruzar fronteiras, e utilizam dessa facilitação para escapar das barreiras que normalmente enfrentariam, impondo desafios adicionais para os países receptores, que precisam diferenciar entre refugiados elegíveis para seus interesses e aqueles que realmente necessitam migrar daqueles que apenas buscam mudanças em suas vidas. A gestão desses fluxos tem exigido um equilíbrio entre políticas de proteção

humanitária e medidas de controle fronteiriço, onde podemos observar frequentemente como aqueles excluídos pelas lógicas de aceitação de migrantes exemplificam as tensões e as desigualdades nos regimes globalizados (SILVA, 2017), visto que as redes transnacionais de migrantes criam conexões entre regiões, transferindo as consequências dos fluxos mistos para locais distantes do conflito original, demonstrando como a análise dos fluxos mistos é essencial para compreender como as guerras moldam não apenas os deslocamentos humanos, mas também as respostas políticas e sociais às migrações em escala global.

Observando então a temática da guerra como um dos agentes de migração devemos incluir na análise os efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia, que se transformou em uma das crises humanitárias mais significativas do século XXI, desencadeando fluxos migratórios na Europa e entender se os impactos e fluxos que observamos pode ser visto nessa guerra no oriente europeu. Este conflito evidenciou não apenas os desafios enfrentados por populações deslocadas, mas também as desigualdades estruturais nos sistemas de acolhimento global, como abordamos.

Desde o início do conflito, estima-se que mais de 15 milhões de ucranianos tenham cruzado fronteiras internacionais em busca de segurança, enquanto cerca de 6,5 milhões permanecem deslocados internamente. Este deslocamento massivo, considerado o maior na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, colocou em evidência a capacidade de acolhimento de países vizinhos, como Polônia, Alemanha e Romênia, sendo importante destacarmos a presença da Alemanha nesta lista, que mobilizou recursos financeiros e sociais para integrar os refugiados ucranianos, evidenciando uma diferença na atuação do acolhimento de migrantes quando comparado com outros de outras origens, como afegãos e sírios, que continuam a enfrentar políticas restritivas e condições desiguais, o que gerou tensões internas no país.

Podemos responder parcialmente a motivação desta diferença a partir do perfil dos refugiados ucranianos, iniciando essa análise por sua nacionalidade europeia, o que teoricamente facilitaria a integração, junto do alto nível educacional e profissional dos migrantes ucranianos, que estavam inclusive acima da média nacional ucraniana, representando uma oportunidade de integração nos mercados de trabalho (HEBENBROCK, 2022). Junto das

características dos ucranianos, a cobertura midiática do conflito reforçou um duplo padrão na percepção dos refugiados. Enquanto os ucranianos foram humanizados, os outros grupos de migrantes foram retratados de forma que reforçou estereótipos e preconceitos históricos, contribuindo para narrativas de exclusão, exemplificando o poder da mídia que desempenhou um papel significativo na moldagem das políticas migratórias ao priorizar discursos de empatia seletiva, influenciando diretamente o apoio público ao acolhimento de refugiados (ABDO,2022)

A guerra Rússia-Ucrânia nos serve então como exemplo contemporâneo claro do impacto das guerras nos fluxos migratórios, revelando as desigualdades estruturais nos sistemas de acolhimento global e de mobilidade humana a partir da lógica globalizada. Assim, compreender o papel das narrativas midiáticas é essencial para abordar as desigualdades estruturais nos sistemas de acolhimento, promovendo um diálogo crítico sobre a universalidade dos direitos humanos e a necessidade de ações mais equitativas frente às crises globais

5. Onde a guerra entre Rússia e Ucrânia está concentrada espacialmente

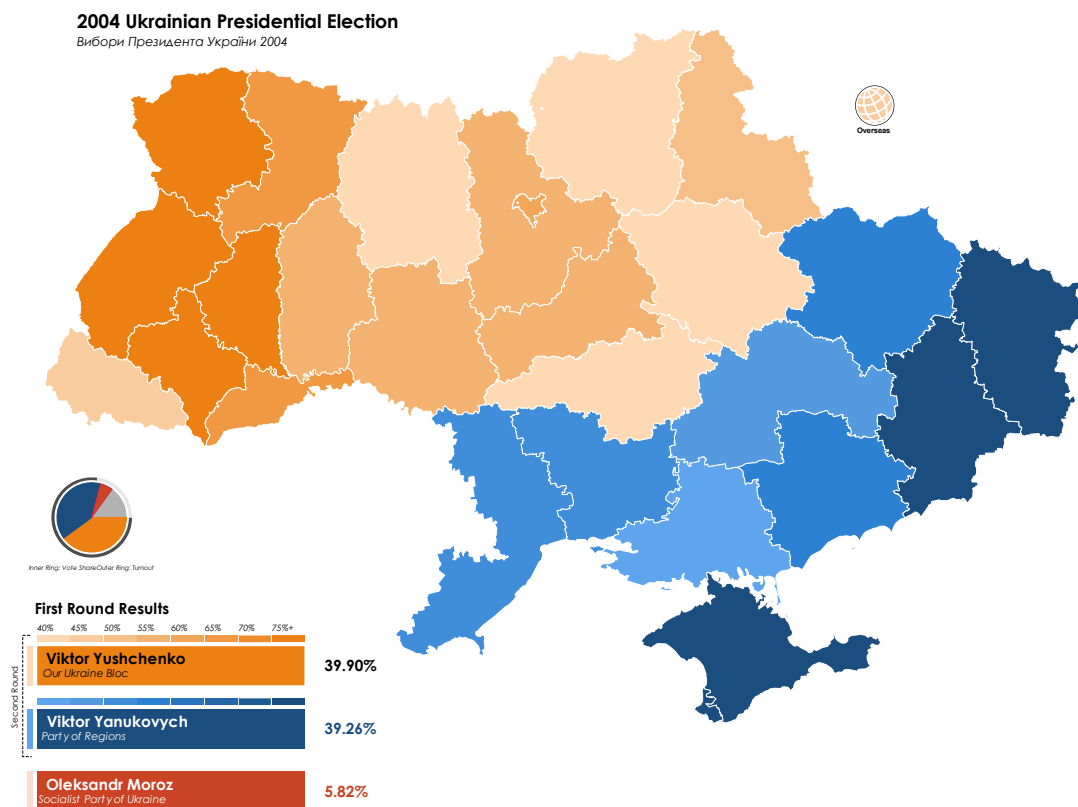
Desde sua independência em 1991, após o colapso da União Soviética, a Ucrânia tem lutado para proteger sua identidade nacional e sua soberania em meio a influências conflitantes do Ocidente e da Rússia, sobre sua política. Historicamente, a Ucrânia e seu território são considerados pela Rússia como parte componente do que podemos chamar de “Grande Rússia”, que seriam os territórios de direito do Estado russo, que, contudo, não seria a terra dos verdadeiros russos, mas sim daqueles que possuíam laços históricos compartilhados que remontam à formação de sua identidade nacional. Para a Rússia, a Ucrânia representa não apenas uma fronteira geopolítica, mas também um elemento central de sua narrativa histórica e cultural alimentada durante seu período imperial e de liderança soviética (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

A identidade ucraniana, no entanto, evoluiu em oposição à influência russa desde os momentos que seguiram a independência do estado ucraniano. Com gerações vividas, sem autonomia e soberania, durante o período imperial e soviético, os movimentos nacionalistas ucranianos buscaram afirmar a soberania cultural e política do país, apesar de diferentes grupos buscarem de maneiras diferentes. A região ocidental da Ucrânia, que além de ser parte da Rússia, foi governado por muito tempo pela Polônia, e particularmente, inclinou-se mais a uma aproximação com o Ocidente, enquanto o leste e o sul, com populações predominantemente russófonas, mantiveram laços culturais mais fortes com a Rússia, mas ainda mantendo sua independência e autonomia como interesses perante a relação. Contudo, essa divisão interna é um dos fatores que perpetuaram a instabilidade política no país, o que criou momentos de quedas de governos e fragilidade na proteção de suas fronteiras (SILVA, 2024).

Para elucidarmos essa divisão interna entre o leste e o oeste ucranianos podemos observar os resultados das eleições presidenciais ucranianas, que frequentemente revelam um país polarizado quando analisamos os resultados. Essa polarização não acontece apenas pelas intenções internas dos candidatos, mas principalmente por suas aproximações externas. Nas eleições de 2004, durante a Revolução Laranja, Viktor Yushchenko, um candidato pró-Ocidente,

foi amplamente apoiado no oeste, enquanto Viktor Yanukovych, com inclinações pró-Rússia, dominou no leste e sul. Essa polarização pôde ser observada novamente nas eleições de 2010, quando Yanukovych venceu graças ao apoio massivo das regiões próximas a Rússia, onde em ambas as ocasiões tiveram grande repercussão com grandes manifestações e consequências geopolíticas, principalmente no momento da queda de Yanukovych em 2014, que entre outras razões levou a invasão russa do território da Criméia, enquanto o ex-presidente ucraniano buscava asilo na Rússia.

Figura 3 - Votos registrados nas eleições ucranianas em 2004



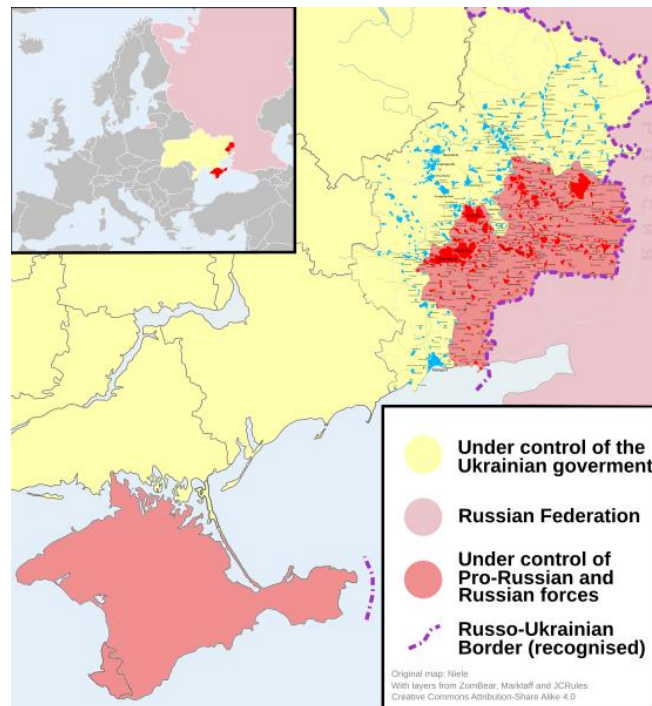
Fonte: Wikipedia

Esses padrões eleitorais refletem a divisão cultural, acima de uma divisão política entre uma Ucrânia ocidental que aspira à integração com a União Europeia e uma Ucrânia oriental que valoriza os laços históricos e econômicos com a Rússia que pode ser observado em outras pesquisas de opinião como apontado por Aparecido e Aguilar (2022), onde mostram que as regiões ocidentais são mais favoráveis à adesão à OTAN, enquanto as orientais tendem a rejeitar essa ideia, preferindo uma aliança econômica mais estreita com a Rússia.

Com a dissolução da União Soviética, a Rússia se encontrou em uma posição geopolítica enfraquecida, mas ainda com certa relevância e determinada a manter sua influência sobre os Estados pós-soviéticos. A Ucrânia, como o maior país da Europa tornou-se uma peça central no tabuleiro geopolítico, como uma espécie de “buffer” entre o Ocidente e a Rússia. Enquanto a política ucraniana buscava afirmar sua soberania e se alinhar com instituições ocidentais como forma de reafirmar sua soberania, Moscou via a Ucrânia como parte de sua esfera de influência, essencial para sua segurança estratégica e prestígio global e manutenção de sua separação territorial dos ideais ocidentais. Para entendermos então a importância da localização ucraniana, não devemos nos limitar a aspectos que estamos acostumados a avaliar durante uma guerra, como suas reservas de recursos naturais ou importância logística para novos avanços militares ou proteção do território. Não estamos aqui descartando a importância destes temas, mas apresentando que a relação política dos principais atores da globalização, sombreiam as outras questões e devem ser destacadas no entendimento da motivação dessa invasão (CEBRI, 2022)

A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 destacou a importância dessa relação entre os principais atores globais, servindo como uma maneira de o Estado russo revidar a influência e expansão da OTAN em sua direção, enquanto demonstrava força para os demais países sobre sua influência, que também serviu como um aviso do que aconteceria caso algum deles fizesse uma nova aproximação ao ocidente. Não retiramos da decisão da invasão da Crimeia, sul da Ucrânia, a sua função estratégica por sua localização, com o acesso ao Mar Negro e a base naval em Sebastopol, de controle russo, mas como podemos observar com a simultânea rebelião da região do Donbass, no leste, que se tornou um campo de conflito, com separatistas pró-Rússia e um provável apoio russo, essas ações tinham como caráter principal justificar por Moscou, uma defesa das populações russófonas, em áreas que estavam sendo oprimidas, ganhando apoio popular e maior força dentro de sua esfera, tirando o caráter de ofensividade das ações e apresentando ao público interno, a mensagem de necessidade de defender o seu povo que estava sendo perseguido fora das fronteiras russas (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

Figura 4 - Áreas invadidas ou em conflito na Ucrânia em 2014



Fonte: Wikipedia

Portanto, a decisão da Rússia de invadir a Ucrânia em 2022 deve ser entendida no contexto de sua percepção de ameaças à segurança e de sua narrativa geopolítica. A Rússia considera a expansão da OTAN para o leste, particularmente após a inclusão de países do antigo bloco soviético, como Polônia e os países bálticos e a pressão econômica do Ocidente através do mercado globalizado, capaz de aplicar sanções econômicas de forma organizada e coletiva como uma ameaça existencial. A aproximação da Ucrânia com o Ocidente, e mais especificamente sua intenção de entrada na OTAN, foi interpretada pelos líderes russos como o último passo necessário em um cerco estratégico contra a Rússia. Como forma então de se reafirmar como potência global, a invasão russa tenta apontar que sua esfera de influência não receberá qualquer interferência ocidental e que a manutenção das bordas da Grande Rússia não apenas é possível como desejada, para a proteção de seu povo (CEBRI, 2022).

Entendido então o que levou o início do conflito, conseguimos responder o porquê da guerra na Ucrânia ter se concentrado principalmente no leste e no sul do país, as regiões historicamente associadas a tensões étnicas, culturais e políticas entre russos e ucranianos. Desde 2014, com a anexação da Crimeia pela Rússia, a região de Donbass tem sido um foco de combates intensos,

agravados pela invasão russa em 2022. A região de Donbass, composta pelas províncias ucranianas de Donetsk e Luhansk, tornou-se o principal palco da guerra devido à presença de grupos separatistas pró-russos apoiados militarmente por Moscou e sua importância econômica para a Ucrânia, abrigando vastas reservas de recursos naturais e indústrias de mineração e siderurgia essenciais para o funcionamento da economia ucraniana (APARECIDO; AGUILAR, 2022). No sul, regiões como Kherson e Mariupol são de importância estratégica, para o decorrer da guerra e posterior acesso russo a península da Criméia. Mariupol, por exemplo, abriga um dos principais portos do Mar de Azov, vital para o comércio no Mar Negro e facilitação do escoamento da produção do capital. O conflito como apontamos, por razões históricas e de logística tem sido focalizado no leste ucraniano, contudo alguns polos urbanos como Kiev, Kharkiv e Odessa enfrentaram bombardeios esporádicos, mesmo com suas distâncias ao epicentro dos combates contínuos. No entanto, os impactos da invasão russa mais sentidos nestas cidades não são devidos a estas ações militares esporádicas, mas sim o deslocamento em massa da população, alterando a demografia e a funcionalidade dessas áreas urbanas que buscam abrigo nestes centros ou os utilizam para uma migração.

Figura 5 - Rotas militares utilizadas pela Rússia na invasão de 2022



Fonte: The Washington Post

Ao analisar as repercussões do conflito no futebol, podemos observar que a guerra teve um impacto profundo no futebol ucraniano, afetando clubes, jogadores e torcedores de maneiras significativas. O conflito na Ucrânia causou danos significativos à infraestrutura esportiva, especialmente aquelas localizadas no campo de batalha. Em áreas como Donetsk e Luhansk, estádios foram destruídos ou se tornaram intransitáveis, obrigando clubes a procurar novos locais, migrando para o Oeste, particularmente Kiev.

O Shakhtar Donetsk, um dos principais clubes do país, não joga em sua cidade natal desde 2014, tendo atuado em diversos locais no território nacional neste período e com o agravamento da invasão russa em 2022, acabou por expandir sua área de atuação e passou a mandar seus jogos em cidades europeias, principalmente na Alemanha de partidas em competições internacionais como a Liga dos Campeões da UEFA. Assim, podemos observar que entre todos os clubes russos e ucranianos que poderíamos avaliar aqueles localizados no leste e sul ucranianos são os que realmente enfrentaram maiores desafios, considerando que muitos perderam a capacidade de operar, resultando em uma paralisação completa ou mudança de sede, onde times como o Desna Chernihiv e FC Mariupol tiveram que ser substituídos na liga devido à destruição de seus estádios e o Zorya Luhansk começou a receber seus jogos na capital Kiev (SILVA, 2024).

A Premier League Ucrânia foi suspensa em fevereiro de 2022 devido à invasão, mas retomada em agosto do mesmo ano, mesmo com o país em guerra, com alterações para a segurança dos jogadores e amantes do esporte. As partidas ocorrem sem a presença de público e com medidas de segurança rigorosas, incluindo a proximidade de abrigos antiaéreos para jogadores e comissão técnica em caso de ataques. A guerra também afetou severamente a economia do futebol ucraniano. Clubes de elite, que dependiam de patrocínios e receitas de competições internacionais, perderam acesso a esses recursos. A saída de jogadores estrangeiros, facilitada por regulamentações temporárias da FIFA que permitiram a suspensão de contratos, agravou ainda mais a situação financeira dos clubes ucranianos, facilitando as transferências e o movimento de migração destes jogadores aos clubes de seus países de origem ou para as grandes ligas europeias, como veremos no capítulo seguinte.

O futebol também se tornou uma ferramenta de resistência cultural e geopolítica durante o conflito. Clubes como o Shakhtar Donetsk, Dinamo de Kiev e a Seleção Ucraniana de Futebol organizaram jogos beneficentes em países europeus para arrecadar fundos para refugiados e militares, como forma não apenas de buscar contribuições financeiras, mas também para a utilização da mídia como uma plataforma para promover a causa ucraniana no cenário internacional. Os impactos nos clubes russos aconteceram com a exclusão da Rússia de competições internacionais, como a Liga dos Campeões da UEFA e do time nacional da Liga das Nações da UEFA e as Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026, demonstrando o caráter político do esporte instrumentalizado para uma criação de pressão política em todas as esferas, atingindo o alcance russo da possibilidade de utilizar o esporte assim como o capital (SILVA, 2024).

6. Comparação entre o padrão da movimentação dos jogadores antes e durante a guerra

Como observamos até aqui, a avaliação do esporte e os elementos que o compõem não devem ser apenas analisados de forma que visualizemos seus impactos nas práticas esportivas, mas devem ser incorporadas na nossa percepção de movimento do mundo globalizado e do interesse do capital. Com isso em mente, o mercado de transferências de jogadores entre ligas de futebol tem se tornado um fenômeno relevante não apenas para a economia do esporte, mas também para o estudo geopolítico e econômico das regiões envolvidas. Com a incorporação de elementos da globalização no fluxo de capital e produtos, nesse caso, os jogadores presentes nas ligas pertinentes ao estudo, podemos focalizar nas particularidades e similaridades dos mercados de transferências na Rússia e na Ucrânia, e como a guerra, elemento externo a prática esportiva, exacerba essas características, considerando os interesses internacionais sobre o comando dos territórios em disputa, como aborda Silva (2024) quando diz que o esporte contemporâneo, onde o futebol em seu atual estado se encontra, é um fenômeno socioeconômico, e como qual, tem o potencial e a chance de espelhar movimentos e dinâmicas sociais em momentos de crise. Sob esta ótica, estamos observando países que, apesar de compartilharem proximidades geográficas e históricas, sendo unificadas em certo período do século XX, apresentam mercados esportivos distintos e características econômicas, políticas e sociais que refletem suas diferentes posições em contextos internacionais, avaliando como a intenção do capital com os interesses da guerra pode ser observado a partir da movimentação dos jogadores.

Ao longo deste capítulo, será então analisada algumas das tendências ou quebras delas que puderam ser observadas no período de 2020 a 2024, selecionado por representar o momento anterior ao início da guerra até o momento mais atual do conflito, com base nos dados de transferências, movimentação financeira, idade média dos jogadores, ligas de origem e destino, e a valorização dos atletas em ambos os países, retirados de website especializado no acompanhamento e valoração de atletas do mundo todo e a transferências de jogadores de futebol entre clubes de mesma nacionalidade ou internacionais, conhecido como Transfermarkt (www.transfermarkt.com.br). A coletânea das informações foi realizada através da extração das informações do

website, referentes as duas aberturas do mercado de transferências de cada ano realizado. Então coletadas as informações, elas foram consolidadas em tabelas para a então observação realizada e detalhada abaixo. No total, foram coletadas 1.223 movimentações de transferências entre os dois mercados.

Para entendermos completamente as questões de valores e destinos e origens dos jogadores, devemos primeiro entender, quem são estes jogadores que tem buscado os mercados do leste europeu para construção e consolidação de suas carreiras. Partiremos então de uma avaliação mais abrangente do período, onde será avaliado inicialmente quem são aqueles que estão sendo transferidos de e para os mercados russo e ucraniano buscando entender suas características distintas.

Durante o período analisado, o perfil etário dos jogadores movimentados na Rússia e na Ucrânia manteve-se próximo de uma média de 25 anos não ultrapassando a média de 28 anos em nenhum momento. Observando as médias destas movimentações. entre as transferências de chegada e saída, ainda sem realizar a análise de cada mercado separadamente, podemos observar que apesar de não haver grande disparidade na média, existe uma diferenciação entre os jogadores que estão saindo destes mercados para aqueles chegando, onde aqueles saindo, configuram uma média menor podendo ser caracterizado pela contratação de jogadores considerados jovens promessas de outros países e a venda destes anos após sua consolidação no mercado europeu, para mercados de maior relevância internacional no futebol, ou volta aos mercados originais quando considerado que o potencial visto não será alcançado pelo atleta.

Temporada	Média de Idade
Contratações 20-21	25
Saídas 20-21	27
Contratações 21-22	25
Saídas 21-22	27
Contratações 22-23	25
Saídas 22-23	25
Contratações 23-24	24
Saídas 23-24	27

Tabela 1 - Média de Idade dos Jogadores Movimentados por Temporada

De forma a avaliar esta hipótese, devemos então observar a nacionalidade destes jogadores que entram nestes mercados e posteriormente uma análise

dos jogadores que estão em movimento de saída. A análise das nacionalidades dos jogadores transferidos revela características que demonstra algumas semelhanças e diferenças na origem dos atletas preferidos por cada mercado, podendo ser comparada com o relacionamento e posição geopolítica de Rússia e Ucrânia, assunto que será abordado posteriormente.

O destaque em geral é a contratação de jogadores sul-americanos, em sua maioria brasileiros que correspondem a 12,4% dos jogadores contratados (72 dos 582 jogadores contratados no período), atraídos pela capacidade financeira dos clubes russos e ucranianos de maior expressão nacional e principalmente pela possibilidade de competir em ligas europeias de médio porte e competições europeias que podem servir de vitrine para estes jogadores posteriormente entrarem em mercados mais competitivos como as principais competições europeias que são: a liga inglesa, alemã, francesa, italiana e a liga espanhola. Essa preferência reflete a busca por atletas tecnicamente habilidosos, que podem gerar lucro ao clube em vendas posteriores devido a valorização do passe destes jogadores. Ainda observando os mercados de forma integrada, vemos que após as nacionalidades russas e ucranianas, os sul-americanos, com destaque aos brasileiros novamente, continuam sendo a principal nacionalidade de exportações das transferências analisadas. Isso então pode ser explicado como também explicita pela globalização do esporte, como Gurgel (2008) aponta, dizendo que a globalização do esporte, intensificada após a Lei Bosman, representou uma mudança nos perfis de jogadores que são movimentados durante a fase de transferências tornando a aquisição e naturalização de jogadores sul-americanos muito mais atrativa aos grandes clubes europeus.

Modelo de Transferências	Total de Transferências	Transferências de Sul-americanos
Contratações	582	119
Saídas	641	83

Tabela 2 - Quantidade de Jogadores Sul-americanos Movimentados

Portanto, ao analisar os mercados russo e ucraniano de forma integrada, observa-se uma dinâmica semelhante na preferência por jogadores sul-americanos, especialmente brasileiros, tanto nas contratações quanto nas exportações. Essa similaridade reflete a posição intermediária desses mercados no futebol global, atuando como plataformas de desenvolvimento e valorização de talentos para posterior ingresso em ligas de maior prestígio. A globalização

do esporte tem fortalecido esse fluxo entre mercados emergentes e os principais centros do futebol mundial, posicionando a Rússia e Ucrânia como importantes mercados nesse fluxo global de talentos, servindo como intermediário para a ascensão de jogadores de mercados com pouca relevância internacional (TROVÓ; FERREIRA; SANTOS, 2022).

No entanto, para se aprofundar na análise dos impactos da guerra sobre os dois mercados, é necessário observar como suas particularidades foram afetadas pelas relações geopolíticas. Embora as similaridades entre os mercados russo e ucraniano sejam evidentes, as diferenças ficam mais claras quando consideramos as consequências da instabilidade política e econômica, que alteraram as dinâmicas de transferência de jogadores. Para entender essas mudanças, torna-se essencial comparar os padrões de cada mercado antes do conflito e como eles se desenvolveram até o término da coleta de dados, com a guerra em andamento. Como já abordado antes, o mercado de transferências de jogadores na Rússia e na Ucrânia apresenta características semelhantes na busca de jogadores com foco em jovens e em sua maioria de origem sul-americana, contudo há características distintas que refletem as particularidades socioeconômicas, culturais e esportivas de cada país.

Entre 2020 e 2021, as semelhanças apontadas anteriormente permaneceram evidentes, onde os clubes russos priorizaram a contratação de jogadores estrangeiros de destaque técnico com uma predominância de jogadores de origem no Brasil, Argentina e países africanos. Tanto na Rússia quanto na Ucrânia, o Brasil figurava como a principal origem desses atletas, refletindo o interesse comum em jogadores tecnicamente habilitados e com potencial de valorização em competições europeias. Essa estratégia compartilhada visava fortalecer os clubes esportivamente buscando resultados nacionais e internacionais e, ao mesmo tempo, permitir a venda futura desses jogadores para mercados de maior relevância internacional, gerando lucro para os clubes.

Contudo, as diferenças entre os dois mercados tornaram-se mais marcantes após 2022, quando a guerra trouxe profundas mudanças geopolíticas e econômicas que impactaram as transferências de jogadores. Apesar das sanções econômicas e da instabilidade geopolítica, onde o país se viu isolado do ocidente, os clubes russos mantiveram o interesse em jogadores estrangeiros,

mas houve a necessidade de mudanças no perfil dos jogadores. Houve um aumento na contratação de jogadores, em especial devido à procura de opções em países periféricos da Europa e da Ásia Central, como Belarus, Geórgia e Cazaquistão, que pode sinalizar uma busca por talentos acessíveis e menos impactados por restrições internacionais, por estarem dentro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

Já na Ucrânia, o conflito resultou em um ambiente de maior cautela no mercado internacional. A instabilidade política, os desafios logísticos e a crise econômica reduziram drasticamente as contratações de jogadores estrangeiros, redirecionando o foco para o mercado interno.

Temporada	Estrangeiros Contratados por Clubes Russos	Estrangeiros Contratados por Clubes Ucranianos
Contratações 20-21	49	39
Contratações 21-22	52	49
Contratações 22-23	69	32
Contratações 23-24	78	30

Tabela 3 - Quantidade de Estrangeiros Contratados por Temporada

Cabe ressaltar que, apesar dos diferentes impactos sentidos pelo efeito da guerra, um fenômeno foi semelhante entre os dois países que não é esperado ao observar a tabela acima: Os jogadores brasileiros continuaram a ir para os clubes russos e ucranianos mesmo após o início do conflito. Alguns questionamentos podem ser levantados o porquê dessa manutenção do fluxo entre jogadores brasileiros e o futebol russo e ucraniano, como a oportunidade de preencher mais espaços nos clubes, a posição diplomática do Brasil em evitar apontar um culpado para o conflito, entre outras, contudo esta temática não será aprofundada neste momento.

A análise dos jogadores envolvidos nas transferências permite compreender os perfis preferenciais de contratações e exportações nos mercados russo e ucraniano, mas é ao observar as ligas de origem e destino que se revelam as dinâmicas geopolíticas e econômicas que moldam essas transações. O perfil dos atletas reflete tendências de recrutamento e valorização técnica, mas as conexões estabelecidas entre diferentes ligas revelam como a globalização tem intensificado os fluxos de jogadores entre mercados emergentes e consolidados.

No período de 2020 a 2021, as ligas de origem dos jogadores que integraram o mercado russo destacaram-se por sua capacidade de gerar

talentos e por estarem fora do grupo das principais ligas europeias. Assim podemos ver que a liga russa possui bastante movimentação com as ligas nacionais do Brasil, Portugal, Sérvia e Turquia, todas ligas que não estão entre as maiores internacionalmente, mas que possuem boa competitividade e sempre tem gerado talentos. Por outro lado, o mercado ucraniano tinha característica mais regional. A maior parte das transferências teve origem em países do Leste Europeu, como Belarus, Armênia e Cazaquistão. Essa proximidade de fronteiras facilita as transferências e reduz os custos envolvidos, mas também representava um limite no alcance global do mercado ucraniano de atrair jogadores.

No que diz respeito as saídas de jogadores nesse período, tanto na Rússia quanto na Ucrânia muitos dos jogadores negociados eram transferidos para ligas menores na Europa ou ligas de países próximos, facilitando o intercâmbio e adaptação entre jogador e clube mais fáceis. Países como Dinamarca serviram como destinos para transferências europeias intermediárias, enquanto Belarus, Polônia e Cazaquistão foram destinos frequentes devido à proximidade geográfica. Neste período, pode se observar ainda que o fluxo de jogadores para as cinco principais ligas europeias já estava consolidado na liga russa, representando 10% das saídas de atletas do país, entretanto apenas 4 jogadores saíram da Ucrânia para uma destas ligas no período.

A partir de 2022, os destinos das transferências começaram a sofrer mudanças, refletindo os impactos diretos do conflito geopolítico. A Rússia, isolada economicamente e politicamente dos mercados ocidentais devido às sanções, passou a depender mais de ligas periféricas e de países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), como Belarus, Geórgia e Cazaquistão. Essas ligas tornaram-se os principais destinos dos jogadores russos, indicando um afastamento das tradicionais rotas comerciais com ligas ocidentais e um redirecionamento para mercados mais acessíveis no contexto político e econômico. Contudo, apesar deste aumento da participação destes mercados, países como Brasil, Portugal e Sérvia continuaram sendo representativos nas negociações envolvendo vendas a clubes russos, evidenciando uma resiliência parcial do mercado russo em manter aberto as redes de transferências com países mais distantes, ainda que reduzidas.

Na Ucrânia, o Brasil se tornou o principal fornecedor de novos jogadores, chegando a representar 15% da origem de todos os jogadores que chegaram na liga durante as temporadas de 2022-2023 e 2023-2024. As negociações para contratação de jogadores atuando em países membros da CEI apresentaram uma queda significativa sendo assim, depois do Brasil, países como Grécia e Bélgica são aqueles que aparecem como principais parceiros dos clubes ucranianos.

Essas mudanças também são vistas nos mercados que receberam jogadores escapando dos efeitos da guerra. Com a decisão inédita da FIFA, que autorizou a quebra de contrato de atletas de clubes russos e ucranianos devido aos conflitos, facilitando que os jogadores estrangeiros, a decisão fora focada nestes, saíssem do território em batalha e integrasse novos times sem o impedimento do pagamento de multa. No caso russo, o número de atletas que saíram do país se manteve estável e o perfil das ligas que receberam jogadores transferidos permaneceu relativamente inalterado, sugerindo que, apesar das sanções internacionais impostas a empresas russas, o futebol foi menos impactado.

Já no mercado ucraniano, o impacto foi mais significativo. No ano de 2022, momento em que aconteceu a decisão, as saídas do mercado ucraniano apresentaram números muito acima do padrão, evidenciando o impacto direto da guerra sobre o mercado de transferências do país. As principais ligas europeias receberam, juntas, cinco vezes mais jogadores provenientes da Ucrânia na temporada 2022-2023 em comparação a temporada anterior ao conflito. Essa mudança reflete não apenas a facilitação da saída de atletas de um país em guerra, mas também um esforço das ligas internacionais, especialmente dos Estados europeus, em oferecer suporte aos clubes ucranianos, por meio da aquisição de jogadores, permitindo que os clubes afetados financeiramente pela guerra gerassem receita e permanecessem operantes.

Temporada	Jogadores Vendidos por Clubes Russos	Jogadores Vendidos por Clubes Ucranianos
Saídas 20-21	7	1
Saídas 21-22	7	3
Saídas 22-23	10	15
Saídas 23-24	8	6

Tabela 4 - Jogadores vendidos para as 5 principais ligas europeias (alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana)

Dessa forma, enquanto a Rússia enfrentou restrições econômicas e políticas que redirecionaram suas rotas de transferência sem alterações drásticas no perfil dos mercados receptores, a Ucrânia encontrou nas principais ligas europeias uma nova rota para a exportação de talentos, refletindo um apoio estratégico e humanitário no contexto da crise, que contudo parece não estar disposta a manter o apoio no longo prazo, quando observada a queda no número de jogadores que foram negociados na temporada 23-24.

Temporada	Movimentação de Clubes Russos	Movimentação de Clubes Ucranianos
Saídas 20-21	76	75
Saídas 21-22	76	96
Saídas 22-23	54	143
Saídas 23-24	60	61

Tabela 5 - Jogadores vendidos durante as temporadas analisadas

A análise dos valores envolvidos nas transferências entre os mercados russo e ucraniano também são oportunidades para destacarmos algumas das diferenças marcantes entre estes mercados relacionados pelo conflito, e como este tem mudado a dinâmica do fluxo de capital entre os beligerantes.

No período analisado anterior a guerra, o mercado russo se destaca pela grande quantidade de capital que é movimentado, com transferências internacionais totalizando €371,28 milhões, em contraste com o valor de €108,56 milhões registrados pela Ucrânia, no mesmo período, considerando tanto as operações de compra, quanto as operações de venda de jogadores. Essa discrepância reflete a maior capacidade financeira dos clubes russos, impulsionados por investimentos robustos de clubes como Zenit St. Petersburg e Spartak Moscow, com patrocínios de empresas estatais como a Gazprom. Os principais clubes russos quando comparados com os também destacáveis clubes ucranianos, consistentemente, movimentam valores mais elevados, tanto por janela de transferência quanto por negociação individual.

No entanto, o impacto do conflito iniciado em 2022 trouxe algumas mudanças nos valores movimentados pelo futebol nestes países. As sanções e o isolamento geopolítico limitaram o mercado russo em alguns aspectos apresentando um declínio em comparação ao período anterior, sentido na

temporada 2022-2023. Contudo este valor abaixo do padrão pode ser apenas uma exceção quando observamos a temporada 2023-2024, onde, os clubes russos movimentaram €247,29 milhões.

Na Ucrânia, os clubes passaram a atrair maior atenção das principais ligas europeias, que se tornaram receptores de um número crescente de jogadores e um importante suporte econômico para os clubes ucranianos, como abordado anteriormente. Na temporada 2022-2023, temporada em que os clubes russos movimentaram menor quantidade de capital, os clubes ucranianos foram mediadores de €157,51 milhões, sendo que €144,17 milhões são referentes aos valores recebidos pela venda de atletas.

Esse contraste não apenas reflete as diferenças estruturais entre os mercados, mas também evidencia como as crises podem reconfigurar as rotas financeiras e os valores atribuídos aos jogadores em cada contexto. Assim, explorar os números das transferências permite compreender as estratégias, adaptações e o impacto do cenário global sobre o futebol desses países.

Temporada	Total das Transferências Internacionais Russas	Total das Transferência Internacionais Ucranianas
Contratações 20-21	€ 110.077.000,00	€ 2.675.000,00
Saídas 20-21	€ 39.293.000,00	€ 4.550.000,00
Contratações 21-22	€ 152.750.000,00	€ 68.290.000,00
Saídas 21-22	€ 69.165.000,00	€ 33.050.000,00
Contratações 22-23	€ 67.710.000,00	€ 13.345.000,00
Saídas 22-23	€ 44.285.000,00	€ 144.170.000,00
Contratações 23-24	€ 140.545.000,00	€ 41.820.000,00
Saídas 23-24	€ 106.745.000,00	€ 21.450.000,00

Tabela 6 - Total em Euro (€) das Transferências por Temporada

Em síntese, a análise das transferências de jogadores entre os mercados russo e ucraniano entre 2020 e 2024 revela importantes transformações, particularmente após o início do conflito em 2022.

Antes da guerra, ambos os mercados apresentavam características semelhantes, com ênfase em jogadores sul-americanos, contudo com um fluxo financeiro desproporcionalmente maior devido ao poder financeiro dos clubes russos. Após o início da guerra, o futebol russo, embora em certo grau, impactado pelas sanções, conseguiu manter um volume estável de transferências, adaptando seu foco para mercados da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), devido ao seu isolamento perante o Ocidente, sem perder

parceiros importantes como o futebol brasileiro e português e mantendo suas transferências com as principais ligas europeias, demonstrando certa fragilidade das sanções ocidentais perante o mercado russo. Já o futebol ucraniano, com a instabilidade interna, viu uma diminuição nas contratações estrangeiras e um aumento nas vendas de jogadores para ligas europeias, refletindo a necessidade de gerar receitas e o escoamento destes jogadores que querem escapar dos efeitos do conflito.

A guerra, portanto, alterou alguns dos fluxos já estabelecidos no mercado globalizado dos fluxos de jogadores de futebol, contudo também evidenciou a resiliência do mercado russo que continua movimentando grandes quantidades de jogadores e capital e a adaptação e dos clubes ucranianos diante da crise, contando com ajuda externa para sua operação.

7. Conclusão

A elaboração deste trabalho teve como intuito auxiliar no entendimento das consequências da Guerra entre Rússia e Ucrânia no mercado de transferências de jogadores de futebol, focando então no mercado dos países combatentes, enquanto possibilitou a coleta e análise de dados recentes, alimentando a base de conhecimento deste fenômeno neste contexto recente. Através da elaboração deste texto buscou-se compreender como a guerra impacta os fluxos de capital e atletas, mediante a análise de mercados de transferências e dinâmicas territoriais associadas, tanto ao conflito, quanto ao futebol integrando ao debate os aspectos e impactos da globalização no esporte, ressaltando os impactos que não são observados pelo público comum e contribuindo para a inclusão do esporte no debate geográfico.

O texto então conta com uma avaliação sobre a expansão do futebol sob influência da globalização, abordando a criação e políticas da FIFA e discussões sobre o Caso Bosman que possuiu impacto significativo no mercado internacional de futebol, permitindo assim um fluxo maior e mais diversos de jogadores de forma internacional, que em sua maioria foram para a Europa. Além desse enfoque no esporte, o trabalho buscou entender os impactos da guerra no movimento migratório causado, observando como estes impactos foram potencializados no mundo globalizados, além de entender como diferentes fluxos possuem diferentes aceitações quando atendem ao interesse do capital.

Após esta análise conceitual, uma coleta de dados foi realizada de forma que pudéssemos entender a realidade das transferências e entender se o conflito interferiu nas tendências dos principais mercados afetados.

Desta maneira, verificou-se que a guerra causou impactos nos mercados de transferências dos dois países, mesmo que de forma mais significativa em um. O impacto nas transferências da Rússia pode ser traduzido no isolamento político do país, agravado depois do início da guerra. Contudo, este impacto do isolamento não foi profundamente sentido no futebol, verificando que o número de atletas movimentados entre os clubes russos e as principais ligas ocidentais não apresentou mudança significativa, e a presença de mercados emergentes como Brasil e Portugal permanecerem estáveis após o início do conflito, mostrando maior diferença entre os períodos de antes e durante a guerra na

análise dos fluxos de transferências russos entre os países de sua esfera de influência que foi intensificado.

Já a Ucrânia presenciou uma saída massiva de jogadores para ligas europeias, motivada tanto pela fuga do conflito por parte dos jogadores estrangeiros em seus clubes, quanto pela necessidade financeira dos clubes, que perderam renda de estádios e de muitas quebras de contrato. A principal modificação percebida, foi a aproximação dos clubes das principais ligas europeias com os clubes ucranianos, logo no início do conflito que, contudo, não parece ser forte o suficiente para iniciar uma nova tendência

Esses resultados reafirmam a hipótese de que a guerra não apenas alterou as dinâmicas esportivas locais, mas também acentuou a desigualdade nos fluxos de capital e mobilidade no esporte, revelando que o futebol funciona como um microcosmo das interações geopolíticas e econômicas globais, demonstrando sua relevância para além do campo esportivo.

Este estudo não é o suficiente para responder o impacto da guerra sobre o futebol destes países, até porque, o conflito está longe de acabar pelas informações que temos até o momento, e, portanto, pode-se realizar uma atualização dos impactos da guerra conforme o conflito, continua ou encerre. Além disso, a intersecção entre o uso do futebol como ferramenta de soft power e os fluxos migratórios forçados merece atenção, especialmente no contexto de crises humanitárias globais e podem ser aplicados a outros momentos de tensão geopolítica.

Assim, o estudo contribui para ampliar o entendimento sobre a interação entre esporte, política e economia em cenários de crise, demonstrando como fenômenos aparentemente desconexos podem se entrelaçar e oferecer novas perspectivas sobre a geografia do esporte em tempos de conflito.

Referências Bibliográficas

ABDO, Cláudio. Europa, Mídia e a Guerra na Ucrânia: “nossos refugiados são melhores que os outros”. **Revista Extraprensa**, v. 15, n. 2, p. 230-248, 2022.

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Série Conflitos Internacionais**, v. 9, n. 1, p. 1-19, 2022.

BINDER, John J.; FINDLAY, Murray. The effects of the Bosman ruling on national and club teams in Europe. **Journal of Sports Economics**, v. 13, n. 2, p. 107-129, 2012.

BONIFACE, Pascal. Football as a factor (and a reflection) of international politics. **The International Spectator: Italian Journal of International Affairs**. 33 (4), 1998. p. 87-98.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. **Estudos avançados**, v. 26, p. 137-156, 2012.

CASTLES, Stephen. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 35, 2010.

CASTRO, Andreia Soares. The 2018 FIFA World Cup: The gains and constraints of Russia's soft power of attraction through football and sports. **Public Diplomacy of Rising and Regional Powers**, v. 3, n. 3, p. 17-37, 2018.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/>.

FELIX, L. G. S.; BARBOSA, C. M.; VIEIRA, V. da F.; XAVIER, C. R.. Análise do impacto das copas do mundo no mercado de transações de jogadores de futebol e da globalização do futebol utilizando técnicas de redes complexas. *In: SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE DISCOVERY, MINING AND LEARNING (KDMILE)*, 6., 2018, São Paulo/SP. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2018 . p. 105-112. ISSN 2763-8944. DOI: <https://doi.org/10.5753/kdmile.2018.27391>.

FERREIRA, Jonathan; MOTTA, Luciano. Clube-empresa no Brasil: um fenômeno geográfico. **Boletim Campineiro de Geografia**, 2022.

GURGEL, Anderson. O futebol como agente da globalização. **Revista de Economia & Relações Internacionais**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 48-64, 2008

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992

HEBENBROCK, Josuel Mariano Da Silva. Migração dos deslocados ucraniano para a Alemanha. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 8, n. 2, 2022.

JAROSCHINSKI SILVA, J. C. Uma análise sobre os fluxos migratórios mistos. *In: RAMOS, A. C.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. A. (Org.). 60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro*. São Paulo: Ed. CLA Cultural, 2011. p. 201-220.

LOUREIRO, Felipe. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, n. 1, 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**, v. 1, n. 2, p. 46-46, 1999.

NARCISO, Makchwell Coimbra. **O futebol explica a Guerra na Ucrânia (?)**. [S. l.], 10 nov. 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-futebol-explica-a-guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 23 out. 2024.

NASCIMENTO, Renato Ken Kaneko do; SANTOS, Renata Ferreira dos; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O processo civilizador: uma análise sobre a resistência do FC Start na invasão nazista à Ucrânia na Segunda Guerra Mundial. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, v. 18, n. 182, p. on-line, 2013.

NYE, Joseph S. Soft power. **Foreign policy**, n. 80, p. 153-171, 1990.

OONK, Gijsbert. Who may represent the country? Football, citizenship, migration, and national identity at the FIFA World Cup. **The International Journal of the History of Sport**, v. 37, n. 11, p. 1046-1065, 2021.

PAIVA, Odair da Cruz. Migrações internacionais pós Segunda Guerra Mundial: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. **Encontro Regional de História**, v. 19, 2008.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos avançados**, v. 20, p. 7-24, 2006.

PIZARRO, Juliano Oliveira. A Globalização e o Futebol: O processo da acentuação de desigualdade. **(SYN) THESIS**, v. 14, n. 1, p. 39-59, 2021.

RIORDAN, Jim; CABRAL, Rui. «Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder. **Análise social**, p. 477-498, 2006.

RIBEIRO, W. C. "Globalização e geografia em Milton Santos". In: *El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo eo atual cenário complexo das migrações forçadas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 01, p. 163-170, 2017.

SILVA, Elvis Simões Pitoco da. A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE EM TEMPOS DE GUERRA: O CASO RUSSO-UCRANIANO. **Revista Territorium Terram**, v. 7, n. 13, p. 728-750, 2024.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 32, p. 609-632, 2019.

TROVÓ, A.; FERREIRA, J.; SANTOS, L. L. L. A guerra da Ucrânia e o fluxo de jogadores de futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 158, n. 18, 2022.

VAN CAMPENHOUT, Gijs; VAN STERKENBURG, Jacco; OONK, Gijsbert.
Who counts as a migrant footballer? A critical reflection and alternative
approach to migrant football players on national teams at the World Cup, 1930–
2018. **The International Journal of the History of Sport**, v. 35, n. 11, p. 1071-
1090, 2018